

Fotografe

A revista que valoriza o fotógrafo e a fotografia

WWW.FOTOGRAFEMELHOR.COM.BR

Nº 281 | ANO 24



Fotografia documental

Entenda como funciona esta área desafiadora que já consagrou grandes nomes e veja como viabilizar projetos

O fotógrafo cego que cobre esportes

Aventura fotográfica na Mongólia

Moléculas viram arte com a nanofotografia

A busca da beleza em prédios abandonados

A obra surpreendente do alemão Peter Scheier

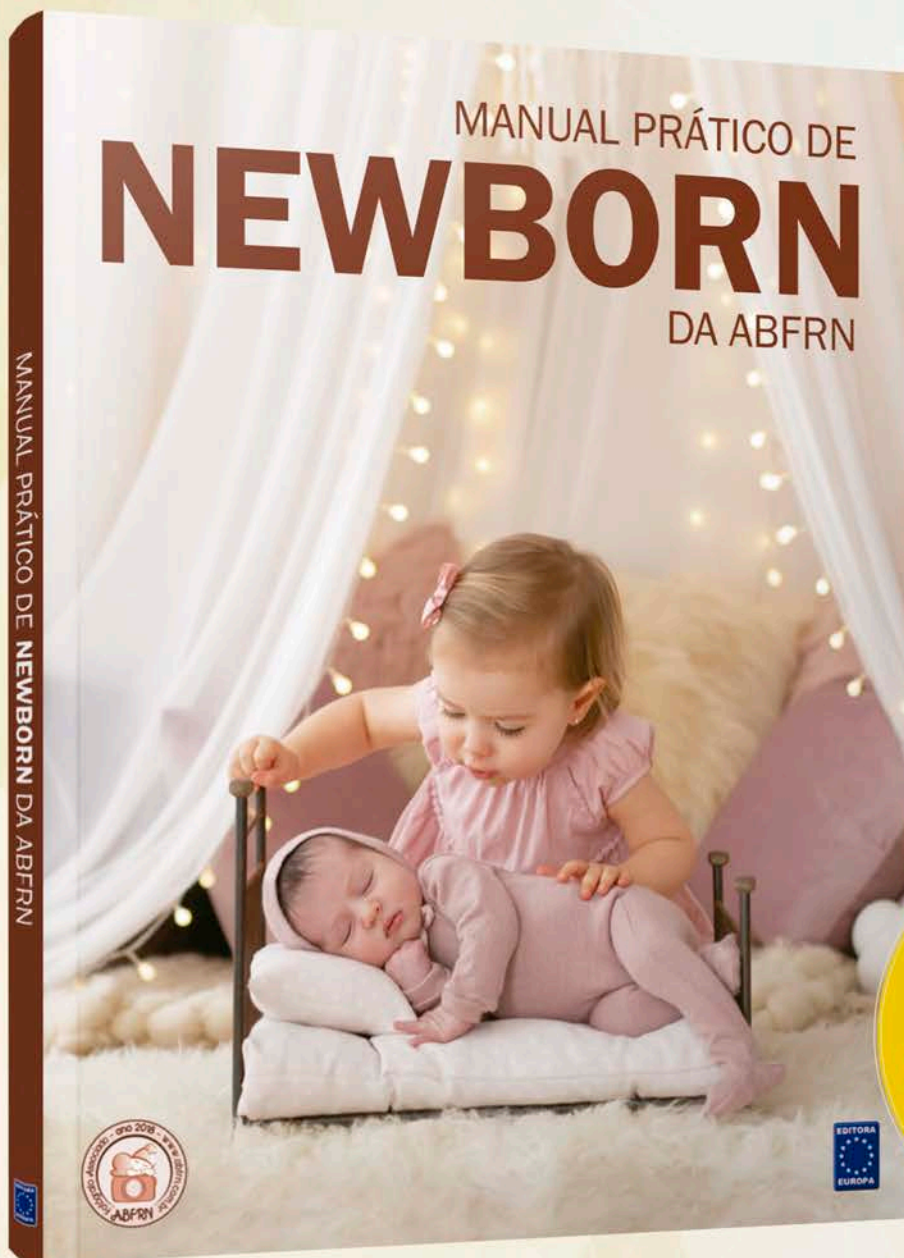
Grandes fotógrafos da edição: • Dorothea Lange

• Elias Oliveira • Fabio Elias • João Maia • José Bassit

• Mirian Fichtner • Peter Scheier • Simon Yeung



MAIS QUE FOFO, UM LIVRO ESSENCIAL PARA PROFISSIONAIS.



Um manual para quem acredita que este é um mercado em constante evolução e precisa estar atualizado com todas as tendências.

Com a garantia de
qualidade da Revista
Fotografe e a
ABFRN – Associação
Brasileira de Fotógrafos
de recém-nascidos.

POR: R\$ **99,⁹⁰** + FRETE

Compre pelos telefones 0800 8888 508 e
(11) 3038-5050 (SP) ou acesse www.europamet.com.br





18



26

Notícias e novidades

Revele-se

Fotos dos leitores em destaque

Uma expedição de Fabio Elias

Uma outra visão

A história de João Maia, fotógrafo cego

Nanofotografia

Imagens de moléculas viram arte

Olhar Global

A beleza em lugares abandonados

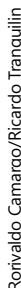
Entenda essa área da fotografia

Peter Scheier revelado

Ampla obra do fotógrafo ganha luz

Câmeras Clássicas

A inesquecível Polaroid SX-70



34



46

Diretor Executivo: Luiz Siqueira
Diretor Editorial e Jornalista Responsável:
Roberto Araújo – MTb.10.766 – araujo@europanet.com.br

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Sérgio Branco (branco@europanet.com.br)

Editora de arte e capa: Izabel Donaire
Editor convidado: Érico Elias
Colaboradores especiais: Diego Meneghetti e Livia Capeli
Colaboraram nesta edição: Ana Luísa Vieira,
André Ferreira e Juan Esteves

Revisão de texto: Denise Camargo

PUBLICIDADE
publicidade@europanet.com.br

São Paulo
Equipe de Publicidade: Angela Taddeo, Alessandro Donadio,
Elisângela Xavier, Lígia Caetano, Renato Perón e Roberta Barricelli

Outras Regiões
Head de Publicidade Regional: Mauricio Dias (11) 98536 -1555

Brasília: New Business – (61) 3326-0205
Santa Catarina: MC Representações – (48) 9983-2515
Outros estados: Mauricio Dias – (11) 3038-5093
Publicidade – EUA e Canadá: Global Media, +1 (650) 306-0880

ASSINATURAS E ATENDIMENTO AO LEITOR
Gerente: Fabiana Lopes (fabiana@europanet.com.br)
Coordenadora: Tamar Biffi (tamar@europanet.com.br)
Equipe: Josi Montanari, Camila Brogio, Regiane Rocha,
Gabriela Silva e Bia Moreira

ATENDIMENTO LIVRARIAS E BANCAS – (11) 3038-5100
Equipe: Paula Hanne (paula@europanet.com.br)

EUROPA DIGITAL (www.europanet.com.br)
Gerente: Marco Clivati (marco.clivati@europanet.com.br)
Equipe: Anderson Ribeiro, Anderson Cleiton, Adriano Severo,
Fábio Mollet e Karine Ferreira

PRODUÇÃO, EVENTOS E MARKETING
Gerente: Aida Lima (aida@europanet.com.br)
Arte: Jeff Silva
Equipe: Beth Macedo (produção) e Laura Araújo (arte)

DISTRIBUIÇÃO E LOGÍSTICA
Coordenação: Henrique Guerche
(henrique.moreira@europanet.com.br)
Equipe: Gabriel Silva e Edvaldo Santos

ADMINISTRAÇÃO
Gerente: Renata Kurosaki
Equipe: Paula Orlandini e Gabriel Tadeu

DESENVOLVIMENTO DE PESSOAL
Tânia Roriz e Elisângela Harumi
Rua Alvarenga, 1.416 – São Paulo/SP, CEP: 05509-003
Telefone: 0800-8888-508 (ligação gratuita) e
(11) 3038-5050 (cidade de São Paulo)
Pela Internet: www.europanet.com.br
E-mail: atendimento@europanet.com.br

A Revista **Fotografe Melhor** é uma publicação da Editora Europa Ltda
(ISSN 1413-7232). A Editora Europa não se responsabiliza pelo
conteúdo dos anúncios de terceiros.

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA O BRASIL
Total Publicações
Rua Dr. Kenkichi Shimomoto, 1678, Osasco (SP), CEP 06045-390.

IMPRESSÃO: Log&Print Gráfica e Logística S.A.

CARTA AO LEITOR

Certa vez, um fotógrafo profissional, que não conhecia pessoalmente, me ligou para oferecer um documentário fotográfico feito em Cuba – não revelarei o nome dele por questões éticas. Pedi para que fizesse uma seleção de imagens em baixa resolução e me enviasse por e-mail, acompanhado de um breve texto sobre o trabalho. Não mais que 15 fotos, adverti. Uma semana depois chegou o material. Havia mais que 15 fotos, 32 para ser exato – já não gostei. A edição misturava P&B e cor sem muito critério – gostei menos ainda. O “breve texto” era longo, prolixo e com um tom pseudoacadêmico afetado. Por dever de ofício, vi todas as fotos e li a apresentação do trabalho até o fim. As imagens eram de boa qualidade técnica, tanto em composição quanto em exposição, mas percebi certa repetição de ângulos e situações. Como havia um telefone de contato, liguei para o fotógrafo para tirar algumas dúvidas. O diálogo se desenvolveu mais ou menos assim:

- Quanto tempo você levou para fazer esse documentário em Cuba?
- Passei quase dois meses lá.
- Dois meses? Só isso?
- Você achou pouco?
- Para um documentário fotográfico, sem dúvida nenhuma. O que você fez foi uma reportagem, o primeiro passo para um documentário. Conheço gente que vai há anos a Cuba e ainda não terminou o trabalho.
- Ah, tá bom. Não te interessou, né? Desculpe pelo tempo que você perdeu.

Ele desligou o telefone. Nem deu tempo de eu dizer que as imagens eram muito boas e de sugerir que ele optasse ou pelo P&B ou pela cor, mas que não misturasse as imagens. Anos depois, encontrei esse fotógrafo em um evento. Ele sabia quem eu era e eu idem. Nos cumprimentamos por educação quando nos esbarramos. No final do evento, eu já a caminho da saída, ouço alguém me chamar. Era ele. “Já voltei a Cuba mais três vezes depois daquela”, disse-me, seguido de uma piscadela. Fiz um sinal de positivo com o polegar direito e respondi, antes de sair: “Me procure quando terminar”. Até o momento em que escrevo esse texto, ele não deu mais sinal de vida.

Um projeto documental sério exige um tempo de maturação, que pode ser de um par de anos ou de uma década, depende de cada um e do tema escolhido. É disso que tratamos na matéria de capa deste mês. Nela estão dois grandes fotógrafos documentaristas experientes, o paulista José Bassit e a gaúcha Mirian Fichtner, além do pernambucano Elias Oliveira, que começou a fotografar a sério em 2015, aos 56 anos, e hoje produz um belo documentário em P&B sobre o Nordeste com um enfoque que passa longe do sertanejo coitadinho, sofredor, assolado pela seca, que estamos acostumados a ver. E, de lambuja, Dorothea Lange, que terá uma grande exposição no MoMa de Nova York. Boa leitura.

Juan Esteves



Sérgio Branco
Diretor de Redação
branco@europanet.com.br

NOSSO OBJETIVO É A EXCELÊNCIA. ENTRE EM CONTATO



LIGAÇÃO GRATUITA
0800 8888 508
GRANDE SÃO PAULO
(11) 3038-5050



FALE COM A REDAÇÃO
(11) 3038-5114
FOTOGRAFE@EUROPANET.COM.BR



SITE EDITORA EUROPA
europanet.com.br
SITE REVISTA FOTOGRAFE
fotografemmelhor.com.br

EDIÇÕES DIGITAIS

- EuroClube
- GoRead
- Tim Banca
- Claro Banca
- Oi Revistas
- Clube de Revistas
 - Bancah
 - UOL Banca
- Nuvem do Jornaleiro
 - Revistarias
 - Mais Banca
 - Magzter
 - Ubook
 - Bookplay

DESENVOLVA O SEU OLHAR FOTOGRÁFICO.

Edições
com impressão
em papel fotográfico

Uma coleção para você dominar os segredos de uma foto com pegada profissional.



Entenda o essencial



Use as linhas e as formas



Componha com luz e cor



Solte a criatividade



Trabalhe com a tridimensionalidade



Destaque o principal

**É no visor da câmera
que o fotógrafo elabora o design
da sua criação.**

Tire dúvidas e compre pelos telefones
0800 8888 508 ou (11) 3038-5050 (SP)
Se preferir, compre pela internet em www.europamet.com.br

PRÉ-VENDA:
Todos os livros
de R\$ 240,00
por R\$ 190,00
à vista no boleto
ou:
10x R\$ 19,00
no cartão
frete cortesia

Preços válidos até 29 de fevereiro de 2020. Sujeito à disponibilidade de estoque. Fretes não inclusos. Reservamos o direito de corrigir eventuais erros de divulgação nesta edição.





Greg Lecoœur

Concurso premia fotos subaquáticas

Acima, a imagem de uma foca-caranguejeira entre blocos de gelo na Antártica, ganhadora do Grande Prêmio

Foram anunciados os vencedores do Ocean Art 2019, oitava edição do concurso anual organizado pelo *Underwater Photography Guide*, voltado à fotografia subaquática. O vencedor do Grande Prêmio foi o francês

Greg Lecoœur, com imagem de uma foca-caranguejeira manobrando em meio a blocos de gelo na Antártica. A imagem também ficou em primeiro lugar na categoria Águas Geladas.

A vencedora do prêmio Rising Star Photographer, concedido a jovens fotógrafos, foi Julie Casey, com uma foto que mostra seis cavalos-marinhos. Casey foi a primeira colocada na categoria Macro Iniciante e ficou em segundo lugar no resultado geral.

Os ganhadores nas demais categorias foram: Nicholas More (Grande Angular), Stefano Cerbai (Macro), Paula Vianna (Comportamento), Virginia Salzedo (Retrato), Jenny

Macro de seis pequenos cavalos marinhos foi a ganhadora da categoria para jovens fotógrafos

Julie Casey





Paula Vanna



Fabien Michenet

Acima, a foto ganhadora na categoria Comportamento; ao lado, a melhor da categoria Águas Profundas; abaixo, a imagem vencedora na categoria Grande Angular



Nicholas More

Stock (Nudibrânquios), Paolo Isgro (Supermacro), Eduardo Acevedo Fernandez (Corais), Fabien Michenet (Águas Profundas), Shane Gros (Conservação), Francisco Sedano (Arte), George Kuo-Wei Kao (Grande Angular Iniciante), Talia

Greis (Grande Angular Compacta), Stan Chen (Macro Compacta) e Ferenc Lorincz (Comportamento Compacta). O Ocean Art 2019 recebeu inscrições de 78 países. Confira todas as imagens ganhadoras no site de **Fotografe**.

Continue fotografando...



Nós cuidamos do
Seguro do seu
Equipamento.



Seguro de Equipamentos
Para Fotógrafos
Profissionais e Amadores

Cobertura ampla,
nacional e internacional

Fácil de contratar,
atendimento pessoal
e on-line

www.kertzmann.com.br

Equipamentos Fotográficos
que podem ser segurados:

câmeras



lentes



flashes



Equipamentos
de estúdio



acessórios
diversos



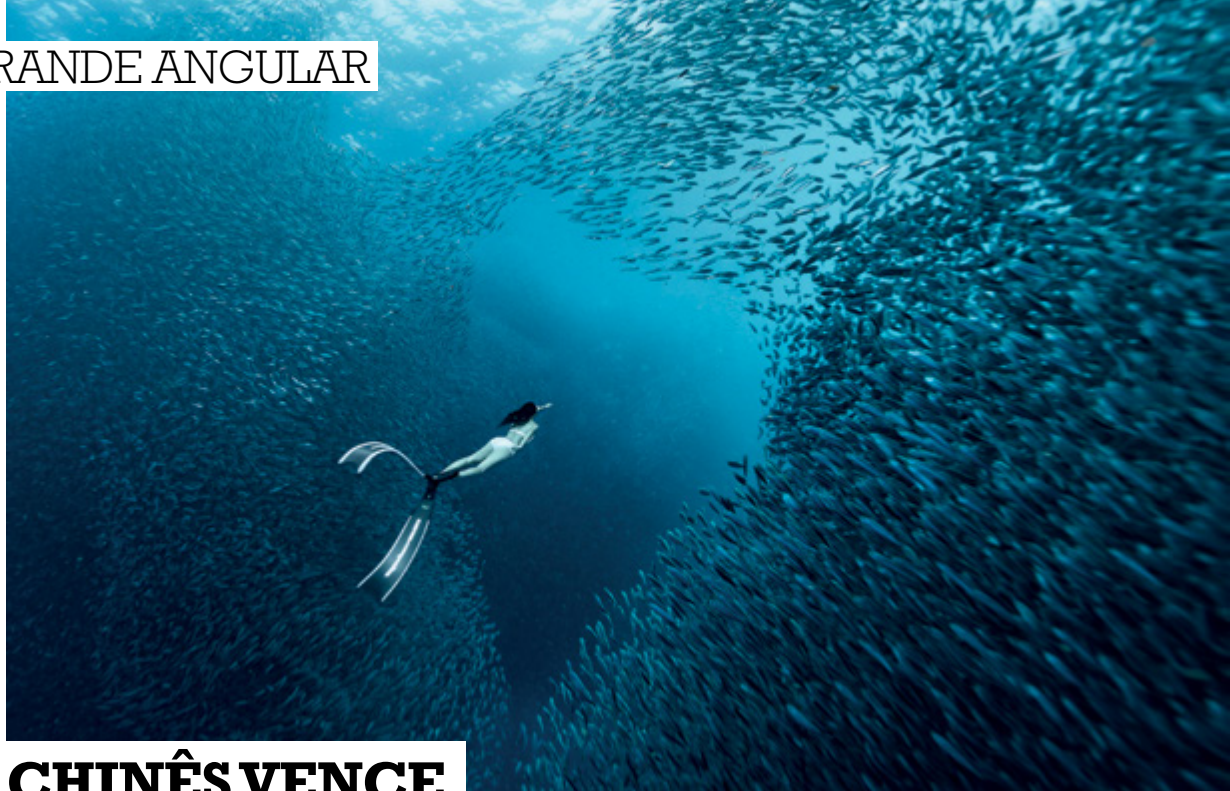
computadores
e notebooks



11 3259-2244

kertzmann@kertzmann.com.br

Av. São Luiz, 140 - Loja 3 - Centro
São paulo - SP - CEP: 01046-908



Fei Xie

CHINÊS VENCE CONCURSO SKYLIFE

O Skylife Photography Contest, concurso organizado pela companhia aérea Turkish Airlines, anunciou o resultado. A foto ganhadora do Grande Prêmio foi feita por Fei Xie, da China. O segundo lugar ficou com Mustafa Kurtbaş (Turquia) e a terceira colocação foi para Thi Ha Maung (Mianmar).

O concurso premiou ainda outros três fotógrafos, escolhidos pelas seguintes associações: Fédération Internationale

de l'Art Photographique (FIAP), Global Photographic Union (GPU) e Photographic Arts Federation of Turkey (TFSF). Os premiados foram o iraniano Babak Mehrfashar (FIAP), a italiana Maria Cristina Garzone (GPU) e o turco Süleyman Üzümcü (TFSF). Com o tema "Descubra", a premiação anual chegou à sua terceira edição em 2019, tendo recebido 11.455 imagens inscritas, provenientes de 115 países.

Acima, a foto que deu ao chinês Fei Xie o Grande Prêmio do concurso Skylife, cujo tema era "Descubra"

Momento dramático na Austrália

As queimadas que atingiram a Austrália a partir de novembro de 2019 assustaram pelo poder de destruição. Mas foi uma imagem que deu a dimensão mais palpável da tragédia. Feita pelo australiano

Matthew Abbott, mostra o fogo em uma casa no Lago Conjola, em Nova Gales do Sul, na costa leste do país. A imagem tornou-se viral por sintetizar aspectos dramáticos: o canguru em primeiro plano está em movimento, indicando o desespero da fuga; a casa em chamas tem as paredes quase completamente consumidas; e as chamas ocupam todo o quadro e parecem avançar em direção ao fotógrafo, dando uma sensação de calor e sufocamento.



Matthew Abbott

FOTO DO MÊS **SAI DA FRENTE!**

Provas de corrida de fundo não costumam guardar grandes surpresas para os metros finais. A edição 2019 da São Silvestre, tradicional prova realizada em São Paulo (SP) no último dia do ano, foi diferente. O queniano Kibiwott Kanbie guardou o fôlego e, em um *sprint* final arrasador, ultrapassou o ugandense Jacob Kiplimo praticamente na linha de chegada.

O fotógrafo Marcos Ribolli cobre a prova desde 1998 e nunca havia presenciado algo parecido. “Percebi que o atleta que estava em segundo lugar avançava muito rapidamente, enquanto o primeiro colocado parecia desacelerar. Quase perdi a foto, pois estava com a câmera no modo manual e a linha de chegada estava em uma região de sombra. Não deu tempo de alterar a velocidade”, conta.

Por causa do pequeno erro na exposição, Ribolli teve de baixar a foto no computador e fazer um rápido tratamento. Dois minutos após o clique, ela estava no Globoesporte.com, site para o qual o fotógrafo realizou a cobertura. Outros também fizeram a foto, mas somente



Marcos Ribolli

Ribolli conseguiu um enquadramento fechado nos atletas, obtido com uma Nikon D4S acompanhada da objetiva 200-500 mm f/5.6, na posição de maior distância focal.

O momento da vitória do queniano Kanbie na São Silvestre

TUDO POR CURTIDAS NO INSTAGRAM

Russo foi preso no Egito por escalar pirâmide para fazer a foto abaixo: certos *instagrammers* estão indo além do bom senso

Na ânsia de obter mais seguidores e curtidas, *instagrammers* andam invadindo monumentos e pontos turísticos mundo afora, sem o menor respeito pela lei e cultura locais. Em um dos episódios mais recentes, o russo Vitaly Zdorovetskiy “anunciou” em seu Instagram que ficou preso por cinco dias no Egito ao ser flagrado escalando uma das grandes pirâmides de Gizé, no subúrbio do Cairo. Zdorovetskiy afirma no *post* que viu “coisas horríveis” na prisão, mas que valeu a pena. Ele compartilhou fotos que supostamente mostram escalando uma das pirâmides com um guarda alguns metros abaixo, no seu encaixo. Também postou uma imagem que seria dos seus pés, no alto de uma pirâmide.



Não é a primeira vez que as famosas pirâmides de Gizé são alvo de ousadia por causa de uma foto para o Instagram. Em 2016, o alemão Andrej Ciesielski foi pego na mesma situação e acabou banido do Egito e impedido de retornar ao país para o resto da vida. Em 2018, o fotógrafo dinamarquês Andreas Hvid divulgou fotos dele e de sua namorada escalando o monumento à noite. Após chegar ao topo, eles se despiram – uma foto os mostra supostamente fazendo sexo. Hvid só divulgou as imagens após retornar à Dinamarca e causou furor no governo egípcio, que afirmou que se tratava de montagens.

Por conta desses e de outros incidentes, o parlamento egípcio aprovou recentemente sanções mais severas a pessoas flagradas escalando as pirâmides: prisão de um mês e multa mínima no valor de cerca de US\$ 630, que pode chegar a US\$ 6 mil.

Outros governos estão tomando medidas parecidas em proteção a monumentos e pontos turísticos, já que a voracidade de certos *instagrammers* tem superado em muito o bom senso.



Fotos: Divulgação

A DSLR *full frame* D780 (à esq.) e a supercompacta Coolpix P950 foram mostradas na feira CES

NIKON APRESENTA DUAS CÂMERAS E DUAS LENTES

A Nikon lançou duas câmeras e duas objetivas na feira CES, em Las Vegas, na primeira semana de janeiro de 2020. O destaque fica com a D780, uma DSLR com sensor *full frame* de 24 MP cujas especificações e desempenho se aproximam bastante da Z6, modelo *mirrorless* avançado.

No modo de imagem ao vivo, a D780 conta com sistema de foco com uso de sensor baseado em 273 pontos. O monitor de 3,2 polegadas é basculante e sensível ao toque. O modelo é capaz de gerar vídeos em resolução máxima de 4K/30p, com bom desempenho no foco automático durante a filmagem. Essas características fazem da D780 uma DSLR com ótimo desempenho ao fotografar usando o monitor.

Dentre outras características, estão o disparo contínuo de até 12 imagens por segundo (ims), o sistema de foco automático via visor com 51 pontos, duas entradas para cartão de memória SD, corpo montado em chassi de liga de magnésio e sensibilidade máxima de ISO 51.200. Chega ao mercado custando US\$ 2,3 mil, apenas o corpo.

A Nikon também lançou a compacta com superzoom Coolpix P950, cuja objetiva é equivalente a uma 24-2.000 mm (zoom óptico de

83x) e está dotada de sistema de estabilização. O modelo faz captura em RAW, tem sensibilidade máxima de ISO 6.400, disparo contínuo de até 7 ims e gera vídeos em resolução 4K. Chega às prateleiras dos EUA custando US\$ 800.

Outras duas objetivas foram lançadas: a Nikkor Z 70-200 mm f/2.8 VR S, uma telezoom versátil

que vem somar à linha de lentes para a nova linha Z *mirrorless*; e a AF-S Nikkor 120-300 mm f/2.8E FL ED SR VR, supertele luminosa voltada à linha de DSLRs. As duas lentes são profissionais e robustas, qualidades que refletem no preço: US\$ 2,6 mil para a 70-200 mm e US\$ 9,5 mil para a 120-300 mm, no mercado dos EUA.

Lentes Nikkor Z 70-200 mm f/2.8 e AF-S 120-300 mm f/2.8 (abaixo)



MANFROTTO SURPREENDE COM CARTÕES SUPER-RESISTENTES

A fabricante italiana de tripés e acessórios Manfrotto surpreendeu o mercado e lançou uma linha de cartões de memória que, segundo a empresa, são os mais resistentes da atualidade. Com modelos SD, MicroSD e CompactFlash, a série Pro Rugged é projetada para oferecer alta velocidade e robustez. Os SD são à prova d'água e poeira, podendo ficar submersos por até 72 horas sem danos, segundo a empresa. Também são capazes de aguentar impacto de 20 kg e temperaturas de até -25° C e 85° C. Atingem velocidades de leitura/gravação de 280 MB/s e 250 MB/s.

Os MicroSD Pro Rugged têm a mesma resistência, porém atingem velocidades de leitura/gravação de 90 MB/s. Já os cartões



Os cartões SD da Manfrotto são à prova d'água

CF não são à prova d'água, mas suportam impacto de até 35 kg e temperaturas de até -70° C. Eles estão disponíveis nas capacidades

de 64 GB e 128 GB, a preços que variam de US\$ 64 (MicroSD 64GB) a US\$ 300 (CF 128GB), no mercado dos Estados Unidos.



LEICA ANUNCIA A M10 MONOCHROM

Depois de quase cinco anos, a Leica decidiu renovar a rangefinder digital exclusiva para imagens em P&B e anunciou a M10 Monochrom, que chega com um novo sensor *full frame* de 40 MP, que, segundo a Leica, foi "projetado desde o princípio para trabalhar com fotografias em preto e branco". O novo sensor reduziu o ISO base de 320 para 160 (o ISO máximo chega a 100.000).

Para fixar a ideia de uma câmera dedicada ao P&B, a Leica removeu qualquer sugestão de cor no corpo da câmera, que incluiu até o emblema vermelho da empresa. O corpo é fino como os outros modelos M10 e vem com seletor ISO. O obturador silencioso e a tela sensível ao toque são heranças da M10-P. Outra novidade é a transmissão de imagens via Wi-Fi pelo aplicativo da Leica. Já disponível no mercado no exterior, a novidade tem preço de US\$ 8.295 nos EUA.



A Leica M10 Monochrom tem um novo sensor de 40 MP e o monitor agora é sensível ao toque

CURTAS

Drones Autel

A empresa americana Autel lançou os drones Evo II, Evo II Dual e Evo II Pro, com recursos impressionantes. O Evo II é capaz de gravar vídeo em 8K e capturar fotos de 48 MP. O Evo II Dual oferece também uma câmera térmica, ao lado da convencional. Já o modelo Evo II Pro tem um sensor de formato maior, com melhor desempenho em altas sensibilidades, capaz de filmar em 6K e de gerar fotos com até 20 MP. Eles têm autonomia de voo de 40 minutos, mas o preço ainda não foi definido.

SSD de 8 TB

A Sandisk revelou um protótipo de disco rígido externo em estado sólido com 8 TB de capacidade de armazenamento. Trata-se de um recorde para modelos SSD, que apresentam um desempenho muito superior aos discos rígidos convencionais. O modelo trará conexão USB de alta velocidade. O preço ainda não foi definido, mas deve ser alto devido às características do produto.

Insta 360, uma câmera de ação modular

A marca Insta360 apresentou novo modelo de câmera de ação modular. A One R vem com até três unidades de lente-sensor intercambiáveis. O pacote padrão é chamado Insta360 One R Twin Edition e traz duas unidades, uma para captura de panorâmicas de 360° e outra com capacidade de filmar em 4K e lente grande angular. O kit completo vem também com uma unidade com sensor de 1 polegada desenvolvido pela Leica, capaz de filmar em 5,3K. Os preços variam de US\$ 300 a US\$ 480.



CANON MOSTRA NOVA TOP DE LINHA

A Canon tem tradição de renovar seu modelo de ponta em anos de Jogos Olímpicos. A primeira semana de 2020 foi o momento de apresentar ao mundo a EOS-1D X Mark III, que traz avanços significativos em relação à predecessora 1D X Mark II. O novo modelo tem sensor CMOS de 20 MP e processador Digic X, que aumenta a velocidade de processamento de imagem em três vezes em comparação ao anterior. Também oferece o processador Digic 8, dedicado apenas ao sistema de foco automático com 191 pontos e à medição de luz através do visor.

No modo ao vivo, a 1D X Mark III é capaz de fazer disparos contínuos de até 20 imagens por segundo, usando o sistema de foco Dual Pixel, com cobertura horizontal de 90% e vertical de 100%, além de detecção de rosto e olhos. O modelo faz captura em HDR de 10 bits e apresenta novo patamar de captura de vídeo, permitindo filmar em RAW de 12 bit em 5.5K/60p com o foco automático contínuo ativo.

Com o corpo vedado contra



Fotos: Divulgação

A EOS-1D X Mark III é a nova DSLR top de linha da Canon

água e poeira e montado sobre chassi de liga de magnésio, trata-se de uma câmera robusta que pesa 1,44 kg. O monitor fixo de 3 polegadas tem resolução de 2,1 milhões de pontos e a sensibilidade máxima é de ISO 102.400. A bateria recarregável de lítio-íon LP-E19 permite capturar até 2.850 imagens com uma única carga. Os recursos profissionais dessa top de linha resultam em um preço salgado: US\$ 6.500 no mercado dos EUA.



Detalhe do transmissor wireless WFT-E9 e a visão na parte de trás da câmera



IMPRIMA SUAS FOTOS
DIRETO DO CELULAR
BAIXE NOSSO APLICATIVO



IMPRESSORA HiTi P525L

Conexões:



A impressora HiTi P525L é portátil e pode ser instalada em praticamente qualquer lugar. Desenvolvida para fornecer o melhor custo-benefício com garantia e qualidade.

Perfeita para:
Eventos, Lojas, Estudos Fotográficos e etc...

Dimensões: 30 x 32,7 x 35,9 cm

Peso: 18kg

Fotos: 5x15 | 10x15 | 13x18 | 15x20



Baixe o App "Prinbiz" e faça diversos tipos de fotos, inclusive foto-documento.



/GUARACIDIGITAL



ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
AUTORIZADA



14 3201-6300



14 99115-5447



Chama que queima

Desde que começou a investir em fotografia, a jornalista esportiva Marluci Martins vê os shows do marido, o cantor e compositor Moacyr Luz, com um novo olhar. E se surpreende com as fascinantes diferenças de luz nos mais variados palcos. Aqui, a fumaça, aliada à iluminação avermelhada, causou um efeito que combina com a estrofe de *Vida da Minha Vida*, um dos sucessos do cantor: “Se eu fosse sabedor/Deixava mais aquecida/A chama que me queimou”.

- ✓ **Autor:** Marluci Martins
- ✓ **Cidade:** Rio de Janeiro (RJ)
- ✓ **Câmera:** Canon EOS 5D Mark III
- ✓ **Objetiva:** Canon 24-105 mm
- ✓ **Exposição:** f/4.5, 1/250s e ISO 2.000



Margem em foco



fotografia de shows de música faz parte da vida de Ariel Cavotti desde que ele conheceu a especialista Thereza Eugênia, com quem aprendeu tudo que sabe. Hoje, corre atrás de imagens de artistas da MPB, caso de Adriana Calcanhoto, gaúcha radicada no Rio que em setembro de 2019 iniciou a turnê nacional do show *Margem* no Teatro Riachuelo. Cavotti estava lá para garantir mais uma imagem para seu portfólio.

- ✓ **Autor:** Ariel Cavotti
- ✓ **Cidade:** Rio de Janeiro (RJ)
- ✓ **Câmera:** Nikon D5000
- ✓ **Objetiva:** Nikkor 18-135 mm
- ✓ **Exposição:** f/5.6, 1/125s e ISO 1.600



Amanhecer na Patagônia



busca por uma boa foto pode exigir planejamento e algum sacrifício. Para registrar o amanhecer nas famosas Torres del Paine, na Patagônia Chilena, Rodrigo Rosa acordou às 2h da manhã e rodou duas horas de carro do local onde estava até o início da trilha no parque nacional que leva o nome dessas gigantescas formações de granito. Depois, mais quatro horas de caminhada até chegar ao ponto ideal, quando o Sol começava a apontar no horizonte.

- ✓ **Autor:** Rodrigo Rosa
- ✓ **Cidade:** Brasília (DF)
- ✓ **Câmera:** Nikon D750
- ✓ **Objetiva:** Nikkor 16-35 mm (no tripé)
- ✓ **Exposição:** f/11, 1/2s e ISO 100



Princesinha do mar



amanhecer em um cenário bucólico no litoral, as redes e os barcos dos pescadores à espera de mais um dia de trabalho em alto-mar. À primeira vista, poderia lembrar alguma praia do Nordeste. Mas há montanhas ao fundo. Então, poderia ser no litoral de São Paulo ou no de Santa Catarina. Nada disso. É Copacabana, Princesinha do Mar, com os primeiros raios de sol banhando as areias do famoso Posto 6, vista pelo olhar de Marco Antônio Rodrigues.

- ✓ **Autor:** Marco Antônio Rodrigues
- ✓ **Cidade:** Rio de Janeiro (RJ)
- ✓ **Câmera:** Nikon D7200
- ✓ **Objetiva:** Nikkor 18-200 mm
- ✓ **Exposição:** f/8, 1/250s e ISO 100

Mande fotos e ganhe uma caneca da Coleção Câmeras Clássicas

Os autores das fotos selecionadas para publicação na revista receberão pelo correio uma caneca da **Coleção Câmeras Clássicas**. Para participar da seção “**Revele-se**”, envie até **três fotos, no máximo**, em arquivo digital (formato JPEG), para o e-mail fotografe@europenet.com.br.

Especifique no e-mail: nome, endereço, telefone, ficha da foto (equipamento, dados técnicos...) e um breve relato (local, data...) sobre as imagens que você enviar. Os arquivos devem ter, no mínimo, tamanho de 13 x 18 cm (ou aproximado) com resolução de 200 a 300 ppi. Evite arquivos muito pesados.



Em busca das águias na Mongólia

Conheça os detalhes de uma expedição fotográfica para registrar o tradicional Festival das Águias Douradas, na Mongólia, liderada por Fabio Elias

POR LIVIA CAPELI

A pacata cidade de Olgii, no extremo oeste da Mongólia, é invadida todos os anos por caçadores e visitantes durante o Festival das Águias Douradas – evento popular que dura dois dias e que atrai público tanto pelas águias adestradas quanto pela pompa dos participantes. Foi nesse cenário exótico que o fotógrafo carioca Fabio Elias, 55 anos, liderou um grupo de brasileiros para fotografar essa tradição de séculos e aprender mais sobre a milenar cultura mongol.

Com 25 anos de “quilometragem” em expedições fotográficas com a sua Imagens&Aventuras, Elias explica que primeiro, e acima de tudo, chegar a destinos isolados e exóticos é um grande desafio. Nesse sentido, a Mongólia, terra do imperador Gengis Khan (veja box), é duplamente instigante. Assim, é crucial ter realmente um espírito aventureiro para embarcar nesse tipo de expedição, pois, saindo do Brasil, são necessários quatro dias e meio somente para chegar ao local do festival.

Caçadores da
Mongólia usam
águias douradas
treinadas, uma
tradição secular





Grupo de caçadores que competem no Festival das Águias Douradas em Olgii

PARIS-MOSCOU-ULAN BATOR

Caçar a cavalo com a ajuda de águias treinadas é uma tradição secular na Mongólia, país de forte cultura nômade que só se abriu ao mundo moderno em 1992

O fotógrafo conta que a logística aérea tem várias escalas, pois não existem voos diretos Brasil-Mongólia. A opção escolhida por ele e seu grupo foi ir até Paris, França, e de lá embarcar para Moscou, Rússia, de onde saem voos para Ulan Bator, a capital mongol – e também uma das cidades mais poluídas do mundo devido à queima de carvão para aquecimento, o que produz muita fumaça.

Uma vez em Ulan Bator, os brasileiros pegaram outro voo, de mais duas horas, para Olgii, cidade com cerca de 30 mil habitantes, próxima da região de fronteira entre China e Rússia e também não muito longe do Cazaquistão, do qual herdou a tradição da caça com águias douradas (a região era de etnia cazaque antes da independência da Mongólia). Para chegar ao local do festival, foram mais 30 km em estrada precária em veículo 4 x 4. Lá, o

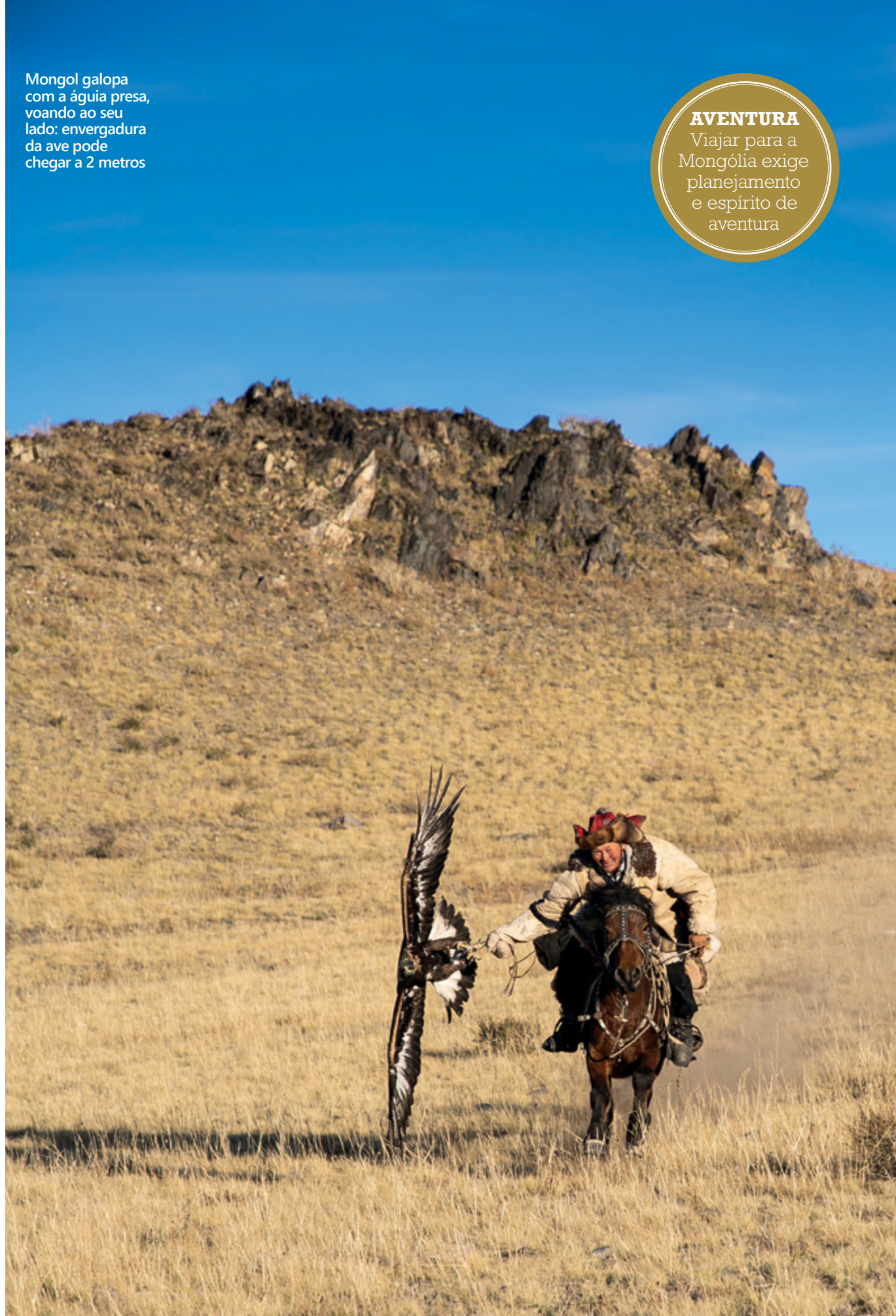
grupo se hospedou em um acampamento *yurt* (ou *ger*) – acomodação em tenda circular com estrutura de madeira e coberta por tecidos no interior para mantê-la suntuosa e aquecida.

Elias esclarece que o planejamento para uma viagem assim é feito cerca de seis meses antes. São necessários planilhas e documentos para organizar contatos, seguros saúde, passaportes, passagens, vacinas, hospedagens e outros detalhes importantes para que não ocorram contratemplos. “Quem quer participar desse tipo de expedição deve ter em mente que não irá para curtir férias tranquilas. Deve ser um viajante com sede de conhecer a cultura local, muito diferente da ocidental, estar disposto a passar por situações extremas e aproveitar para se aproximar dos nativos. Esse conjunto é que vai refletir na qualidade da fotografia”, explica ele.

Mongol galopa
com a águia presa,
voando ao seu
lado: envergadura
da ave pode
chegar a 2 metros

AVENTURA

Viajar para a
Mongólia exige
planejamento
e espírito de
aventura





Acima, um menino que começa a aprender a arte de domar águias e um caçador experiente, montado em seu camelo; abaixo, a arena do festival em Olgii, que tem duas etapas de provas com as águias domadas

EDUCAR A ANSIEDADE

Quem pretende documentar eventos antigos e tradicionais, como o festival da Mongólia, precisa fazer uma ampla pesquisa para ter embasamento sobre o tema. Isso é fundamental no planejamento das imagens que poderão ser captadas, além de ajudar na escolha de um local

para se posicionar, na definição dos enquadramentos e na identificação de personagens para contar a história de maneira consistente, ensina Elias.

No caso do Festival das Águias Douradas, é essencial entender como funciona a competição: a equipe é formada



Um país bem isolado

Um dos locais mais frios e isolados do planeta, dominado pela cultura nômade, com estepes selvagens e grandes zonas de deserto, quase sem estradas, a Mongólia tem uma grande área territorial (cerca de 1,5 milhão de km²) para apenas cerca de 3 milhões de habitantes (sendo que 45% vivem na capital, Ulan Bator), o que gera uma das menores densidades populacionais do mundo.

O país não tem costa marítima e faz fronteira com a China e a Rússia. Já foi império poderoso, fundado pelo líder Gengis Khan em 1206, e depois ficou séculos sob domínio da China, até se tornar independente em 1921, passando a ter influência direta do governo comunista soviético por décadas. Com o fim do bloco soviético, em 1992, a Mongólia aprovou uma nova constituição, tornou-se uma república semipresidencialista e adotou um sistema democrático multipartidário.

Para quem ficou interessado em fotografar nesse exótico destino, Fabio Elias informa que já há viagem programada para o Festival das Águias Douradas de 2020, entre 30 de setembro e 11 de outubro. Para mais informações, acesse: www.imagenseaventuras.com.br.



por águia, cavalo e dois homens. A prova ocorre em duas etapas. Na primeira, a ave é solta do alto de uma montanha por um adestrador e precisa pousar no braço do outro caçador. Portanto, o fotógrafo já tem que decidir em qual ponto vai ficar. Na segunda etapa, há a simulação de uma caçada: a águia é solta do alto da montanha e precisa agarrar a pele de uma raposa arrastada pelo cavalo do caçador, que a espera lá embaixo, na arena. Nas duas provas, o time vencedor é o que for mais rápido.

Outro desafio é dominar a ansiedade na hora de fotografar: "É essencial observar o ambiente ao redor antes de enquadrar. Se existir alguma interferência no fundo, um passo para o lado pode resolver. Também não precisa 'metralhar' toda a cena que se vê. É fundamental ter certo grau de exigência nos detalhes, e isso é uma busca árdua, pois nem

sempre o conjunto está a seu favor: às vezes o caçador está todo elegante para a foto, mas a águia não quer colaborar. O segredo é não ter pressa", ensina.

**Acima, caçador
exibe seu corcel
negro e sua águia
com orgulho; ao
lado, Fabio Elias
com dois veteranos
nas competições
do festival mongol**



Arquivo pessoal



Fotos: Fabio Elias

CONFIANÇA DO RETRATADO

Mesmo quando não domina a língua nativa nos lugares que visita, Fabio Elias costuma usar a comunicação emocional como recurso para conseguir transmitir suas intenções aos personagens. Em expedições como essa à Mongólia, há intérpretes e guias turísticos para facilitar o diálogo, mas a proximidade sentimental é o segredo para ganhar a confiança do nativo e conseguir imagens impactantes.

O especialista se aproxima dos personagens sempre com um sorriso, aguarda ser "aceito" e só depois de conquistar a confiança é que saca a câmera e faz a foto. Essa foi uma das principais estratégias usadas por ele na expedição à Mongólia, o que lhe rendeu ótimos retratos dos caçadores. Conta que adotou uma atitude mais antropológica, e com o método de aproximação incorporou a decisão de fotografar usando pouco equipamento para tornar o trabalho mais



Acima, caçador posa com roupa de gala no interior de uma yurt (cabana circular típica); ao lado, mongol serve o *airag*, leite de égua fermentado, que por lá substitui o da vaca

●● Você precisa mostrar aos locais que é digno da confiança deles, mostrar simpatia para ter empatia. Jamais chegar fotografando como louco ●●

Fabio Elias



prático e sem muitas distrações técnicas.

Usou apenas uma lente 24-105 mm na DSLR Canon EOS 5D Mark III durante todo o trabalho, sem a preocupação de ter que parar em algum momento da conexão com o personagem para trocar a objetiva – a zoom 24-105 mm, segundo ele, o forçou

ainda a não se distanciar demais do retratado, mantendo a proximidade. Fora isso, levou dois flashes dedicados que, por meio do sistema strobist, montou um estúdio portátil para ter destaque em cores e texturas, além de gerar uma iluminação dramática e preencher sombras em casos de contraluz.

Acima, casal de nativos na lida do campo: a mulher faz a ordenha da égua, já que o cavalo é o animal que faz parte da vida dos mongóis

Os caçadores têm total controle sobre as águias douradas amestradas por eles



Atleta em prova de velocidade da Paraolimpíada de 2016; na pág. ao lado, disputa de judô, também nos Jogos do Rio



Ensaio sobre a cegueira

Saiba como o piauiense João Maia venceu as adversidades e se tornou o primeiro fotógrafo deficiente visual a cobrir uma Paraolimpíada



AUTOFOCO

O fotógrafo se guia pelo som de aviso do autofoco e pelos vultos que vê

Fotos: João Maia

POR LIVIA CAPELI



fotografia para João Maia é uma experiência sensorial.

Olfato, tato e audição valem mais do que a visão porque ele foi acometido por uma uveíte bilateral aos 28 anos de idade, doença ocular que afetou os dois olhos – no esquerdo, ele consegue enxergar apenas vultos. Cores, ele consegue identificar somente a uma distância de 1,5 metro – por isso, quanto mais contraste, melhor para Maia ter uma base na composição da imagem. São limitações que não o impediram de se tornar um fotógrafo profissional e ser o primeiro com deficiência visual a cobrir uma Paraolimpíada, no caso, os Jogos do Rio de 2016.

Nascido na pequena Bom Jesus do Piauí (PI), aos 14 anos, João Maia escrevia cartas para fabricantes de filmes solicitando material para aprender a fotografar com a câmera compacta que tinha. Mas foi só quando chegou a São Paulo (SP), aos 20 anos, que pôde exercer sua paixão depois de comprar uma reflex russa Zenit em uma loja na

Rua Conselheiro Crispiniano, centro da cidade, na época, a meca das lojas de fotografia no Brasil – câmera adquirida com primeiro salário como carteiro, profissão que passou a exercer depois de prestar concurso.

Algum tempo depois, os olhos que registravam tudo com entusiasmo começaram a dar sinais de pane. Maia teve que se aposentar nos Correios precocemente, abandonar a fotografia naquele momento e se preparar para encarar uma nova e dura realidade. Contudo,

no processo de reabilitação, descobriu que poderia voltar a fotografar. Começou em 2008 um curso voltado para o ensino de fotografia a deficientes visuais no Senac-SP, coordenado na época pelo professor João Kúlsar, o que lhe deu embasamento técnico para se tornar um profissional. Esse curso foi tema de reportagem na edição 158 de **Fotografe** e lá estão as duas primeiras fotos que ele publicou na vida, creditadas para João Batista Maia da Silva, seu nome completo.

Aos 28 anos de idade, João Maia, hoje com 45, perdeu totalmente a visão do olho direito, e enxerga vultos com o olho esquerdo

Arquivo pessoal





O fotógrafo foi convidado a cobrir os Jogos Paraolímpicos no Rio, acabou chamando a atenção da imprensa internacional e virou notícia

Acima, paratleta cadeirante vence prova de velocidade no evento Open Brasil Internacional CPB, em São Paulo, disputado em 2018

NOS JOGOS PARAOLÍMPICOS

Ex-paratleta no atletismo (em arremesso de peso e lançamento de dardo e disco), a prática na fotografia esportiva veio com o registro de amigos em competições até que um convite inesperado o colocou dentro das arenas dos Jogos Paraolímpicos do Rio, em 2016. Por meio de um projeto, ele e outro fotógrafo deficiente foram escolhidos para fotografar o evento.

No Rio, Maia foi descoberto pelo francês Christophe Simon, diretor de fotografia da Agência France-Presse (AFP): “Ele passou o dia todo me acompanhando, me deu um colete de imprensa da agência, comprou minhas fotos e publicou uma reportagem sobre meu trabalho, que circulou em diversos países”, lembra.

A fama repentina teve repercussão positiva para a carreira dele: depois de

revelado pela agência francesa, Maia deu entrevistas na TV Globo (no Fantástico, no Programa da Fátima Bernardes e no Globo Repórter). Também vendeu muitas imagens, incluindo uma reportagem em uma revista de esportes japonesa, que lhe renderam uma exposição no Japão – a história de vida dele foi pauta em cerca de 30 veículos de imprensa estrangeira.

A partir daí, o trabalho de João Maia não ficou limitado a fotografar. Ele passou a dar palestras motivacionais para equipes de empresas como Google, Senac, Grupo Gerdau e Bayer. Também foi convidado a integrar o Conselho de Curadores da Fundação Dorina Nowill para Cegos.

Em 2020, ele começou a campanha “4 sentidos e uma visão” com o objetivo de arrecadar fundos para realizar o sonho de



Dois esportes nos Jogos do Rio 2016 para deficientes visuais, o futebol de cinco (acima) e o goalball (abaixo)

cobrir este ano a Paraolimpíada de Tóquio, no Japão. Na volta, pretende produzir um livro com as melhores imagens e a história de vida dele, além de uma exposição inclusiva em 3D – quem quiser colaborar pode acessar a “vaquinha virtual” pelo link [https://](https://bit.ly/3a0Pe5J)

bit.ly/3a0Pe5J. Antes dos Jogos em Tóquio, ele prepara material para uma exposição coletiva entre os dias 2 e 5 de abril na segunda edição do Brasília Photo Expo, previsto para o Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade, no Distrito Federal.



Fotos: João Maia



EQUIPAMENTO E TÉCNICA

Acima, detalhe de prova de natação da Paraolimpíada do Rio e, ao lado, retrato de atleta no Parapan de Jovens, em 2017, em São Paulo

João Maia informa que quando fotografa conta sempre com a ajuda de alguém. No atletismo, por exemplo, um assistente o auxilia a identificar o atleta, a posição dele na pista e dá detalhes sobre o uniforme, a partir daí, Maia usa os sentidos e começa a clicar. “No caso dos retratos, o tato é o sentido de uso mais frequente. Peço licença e coloco a mão na cabeça do modelo para identificar a altura do rosto. Procuro posicionar a lente da câmera no centro do rosto, ou

seja, no nariz. Então, dou um passo para trás e faço o enquadramento, sem cortes. Para registros de plano americano ou corpo inteiro, o segredo está em dar mais passos para trás. O retratado sempre me ajuda nessa hora, verificando no monitor da câmera se o enquadramento ficou bom”, explica ele, que ainda dispõe da ajuda do amigo Marcelo Santana para escolha e edição das imagens produzidas.

O foco automático e o aviso sonoro emitido pela câmera quando ele é obtido são grandes aliados do trabalho de Maia. Em fotografia esportiva, a velocidade e a precisão do foco são cruciais, por isso, ele costuma programar a câmera para o modo AI Servo, o que ajuda a acompanhar cenas de movimentos rápidos, ou para o modo Esporte, totalmente automático e voltado a essa finalidade. Prioridade de abertura

A convite do programa Globo Esporte, Maia cobriu o jogo entre Corinthians e Fluminense pelo Brasileirão de 2019: foi a primeira vez em um estádio de futebol





FALANTE

O fotógrafo foi
presenteado pela
Canon com uma
câmera que "fala"
com ele

Acima e abaixo, as duas
fotos feitas por Maia
que foram publicadas na
edição 158 de **Fotografe**:
primeiras em uma revista

(AV) e prioridade de velocidade (TV)
também são recursos usados por ele,
principalmente em sessão de retratos.

No começo da carreira, Maia ganhou
de presente de um amigo uma Canon

EOS Rebel XS. Mais recentemente,
a Canon do Brasil (em parceria com
a agência Dentsu Brasil e a IWS)
presenteou o fotógrafo com uma EOS
70D otimizada para cegos. A tecnologia
foi inspirada e desenvolvida com base
na história do fotógrafo e permite que
ele tenha acesso às funções por meio
de arquivos de voz embutidos no cartão
de memória. Ou seja, a câmera "fala" as
funções e os ajustes cada vez que um
botão é acionado. A entrega da câmera
foi feita durante a gravação de um
emocionante filme comercial, realizado
pela Canon do Brasil no final de 2019
(veja no link: <https://bit.ly/3abmtnh>).

O fotógrafo trabalha com lentes Canon
50 mm f/1.8 STM, 18-135 mm f/3.5-5.6
e 700-200 mm f/4 (que veio com a 70D
presenteada). Nos Jogos Paraolímpicos,
pôde experimentar teles como a 300
mm f/2.8 L IS USM, mas seu sonho de
consumo é uma zoom 100-400 mm
f/4.5-5.6 L IS II USM. Para conhecer mais
sobre a vida e o trabalho dele, basta
acessar o Instagram [@fotografiacega_](https://www.instagram.com/fotografiacega_) ou
o site www.fotografiacega.com.br.



Fotos: João Maia

**NA COMPRA DE UM EQUIPAMENTO FUJIFILM
VOCÊ TEM 1 ANO DE GARANTIA OFICIAL
FUJIFILM + 1 ANO DE GARANTIA ESTENDIDA
PORTSSAR COMO CORTESIA**

EQUIPAMENTOS NOVOS E USADOS COM PREÇO JUSTO E TOTAL GARANTIA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA OFICIAL FUJIFILM

WWW.LOJAPORTSSAR.COM.BR
VISITE O NOSSO NOVO SITE

HÁ MAIS DE 20 ANOS NO MERCADO



LOJA 1
Rua Sete de Abril, 79, 2º andar, conj. 201
01043-000 - Centro - São Paulo - SP - Brazil
TEL.: +55 11 3255.6067 | 3257.1632

LOJA 2
Rua Sete de Abril, 125, loja 28
01043-000 - Centro - São Paulo - SP - Brazil
TEL.: +55 11 3255.2697 | 3255.6131

www.lojaportssar.com.br | vendas@portssar.com.br



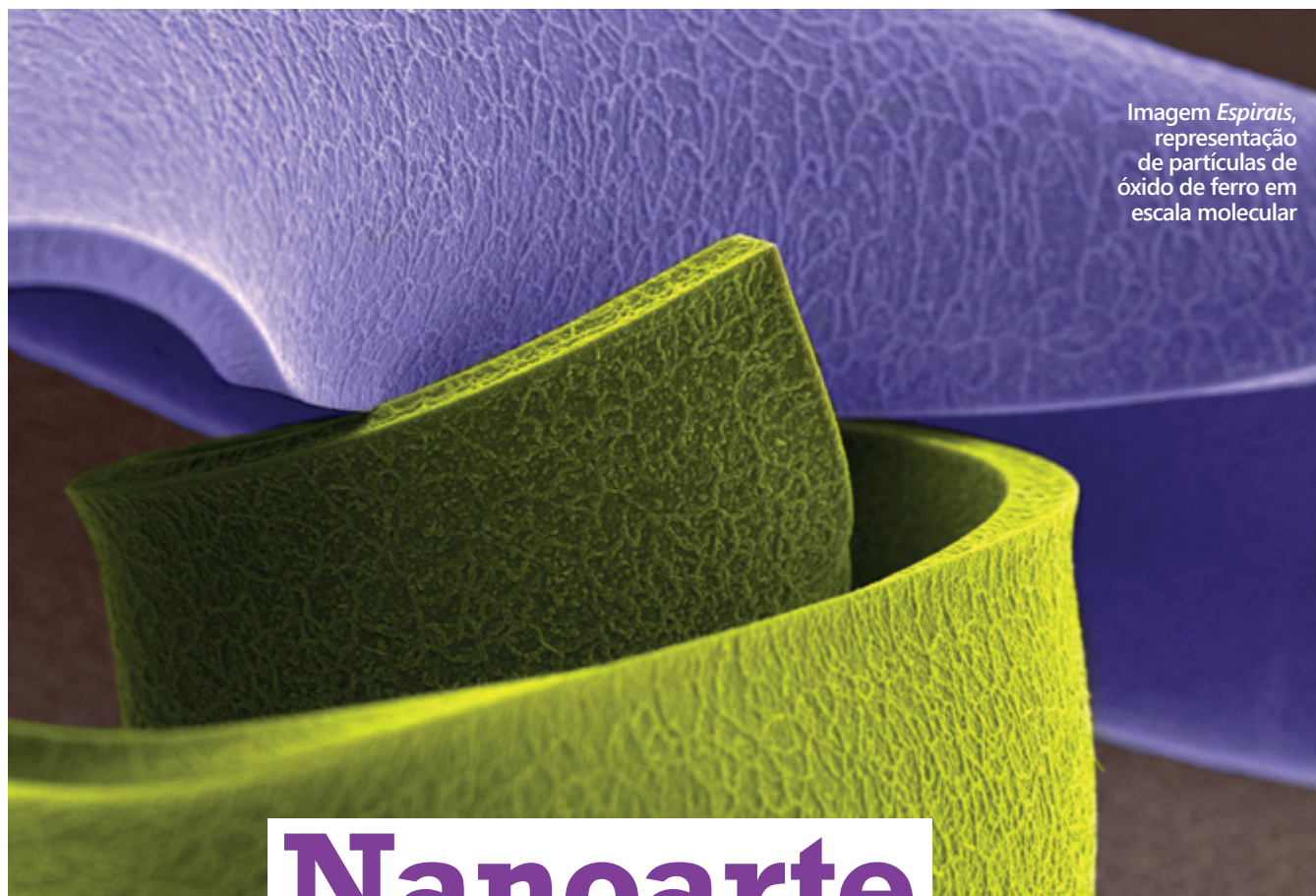


Imagem *Espiraís*,
representação
de partículas de
óxido de ferro em
escala molecular

Imagens: Rorivaldo Camargo/Ricardo Tranquilin

Nanoarte, fotografia do invisível

Cientistas da Universidade Federal de São Carlos captam imagens de partículas 100 mil vezes menores que um fio de cabelo e transformam em arte digital

POR **ANDRÉ FERREIRA**



comédia *Querida, encolhi as crianças*, lançada no final da década de 1980, narrava a história de um cientista descuidado que encolhia os filhos a um tamanho menor que o de uma formiga. Na mesma época, outro sucesso do cinema que trabalhou com o tema foi *Viagem insólita*, a busca de diminuir homem e máquina para viajar dentro do corpo humano. A possibilidade de explorar o mundo de maneira microscópica tem sido tema recorrente na ficção, mas pode saltar da imaginação

e virar realidade se depender do trabalho dos cientistas do Centro de Desenvolvimento de Materiais Funcionais (CDMF) da Universidade Federal de São Carlos, a UFSCar. Eles transformam em arte partículas 100 mil vezes menores que um fio de cabelo com a técnica da nanofotografia.

De uma forma simples, pode-se definir nanotecnologia como o termo utilizado para descrever a criação, manipulação e exploração de materiais com escala nanométrica. Para se ter ideia, um nanômetro (abreviado como nm)

é um metro dividido por um bilhão. A espessura de uma folha de jornal, por exemplo, tem cerca de 100 mil nanômetros; já o DNA humano tem apenas 2,5 nanômetros de diâmetro.

A nanofotografia é uma manifestação transdisciplinar que funde ciência, tecnologia e linguagem fotográfica digital, o que dá vida à nanoarte, expressão artística recente. Na realidade, são imagens de materiais em nanoescala, ou seja, com dimensão menor que 100 nanômetros, obtidas por intermédio de microscópios eletrônicos de altíssima precisão.



NOVELOS

O que parece
uma caixa de
novelos de lã
são partículas
de óxido de
cobre



Imagem *Bolas de Tênis*, criada a partir de partículas de prata

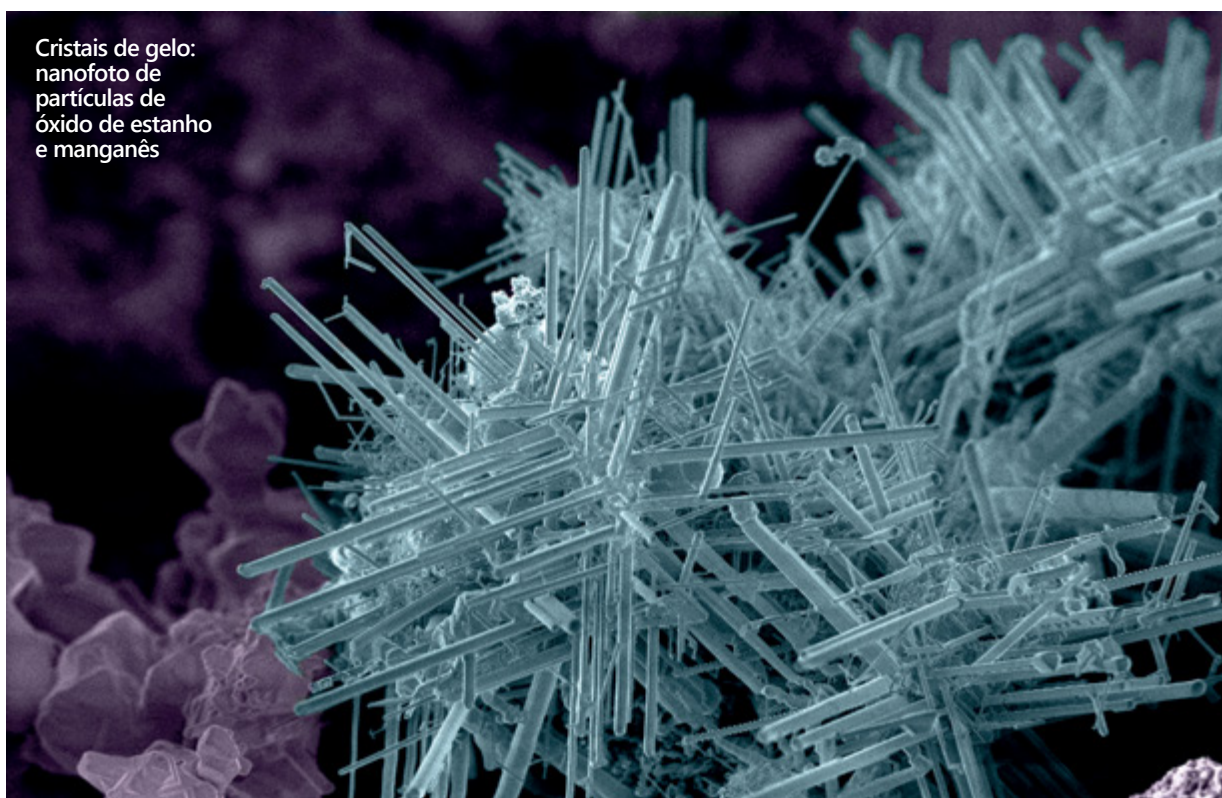
CAPTAÇÃO VIA COMPUTADOR

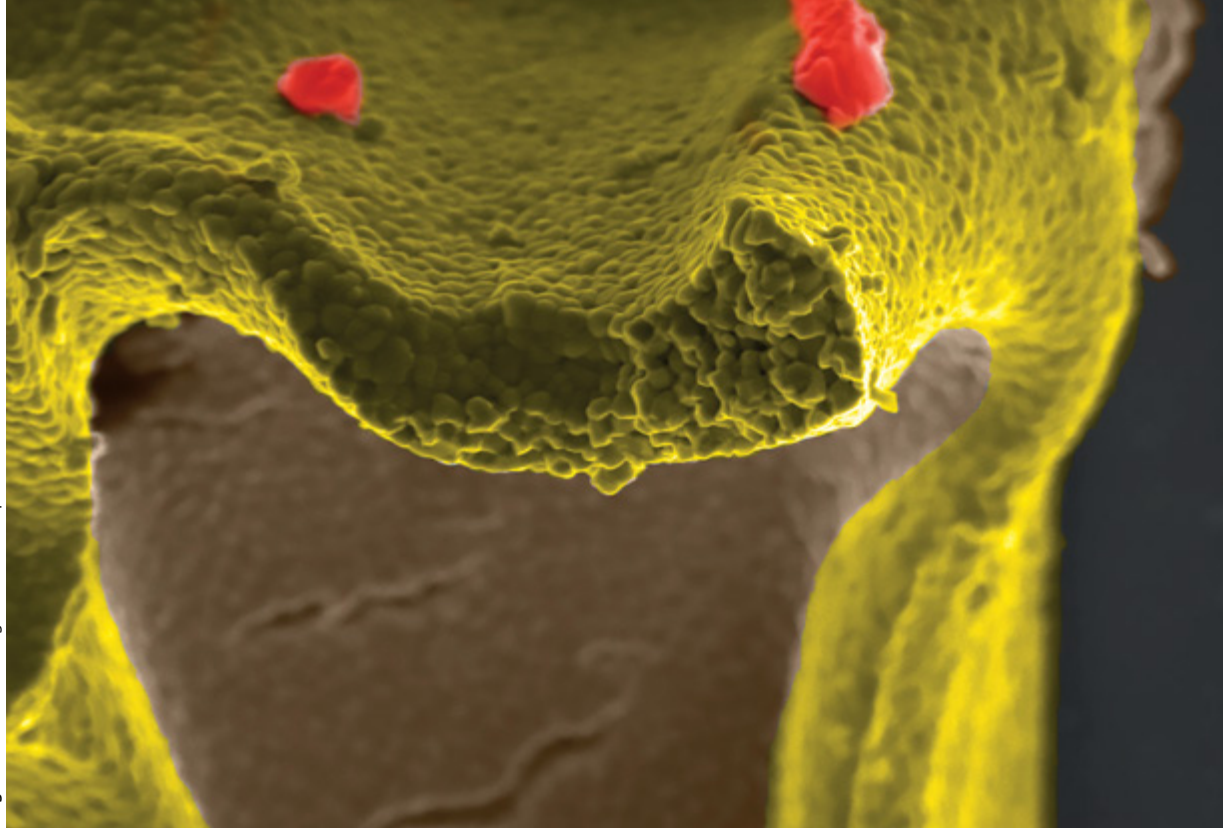
Tudo ocorre em um sistema a vácuo em que um feixe de elétrons é concentrado por meio de campos eletromagnéticos sobre a amostra a ser analisada. Os elétrons que não foram desviados ao passar pela amostra são captados pelas lentes do supermicroscópio e

projetados sobre uma tela que amplifica e envia esses sinais a um computador, que os converte em imagens digitais. As imagens produzidas são em três dimensões e descrevem a topografia da molécula. Originalmente, elas são representadas em tons de cinza, sem cores.

O microscopista Rorivaldo Camargo e o pós-doutor Ricardo Tranquilin cuidam da supervisão artística do projeto. Camargo explica que nas obras estão as imagens que foram criadas a partir de medidas de microscopia eletrônica solicitadas pelos pesquisadores. "Temos muitas

Cristais de gelo:
nanofoto de
partículas de
óxido de estanho
e manganês

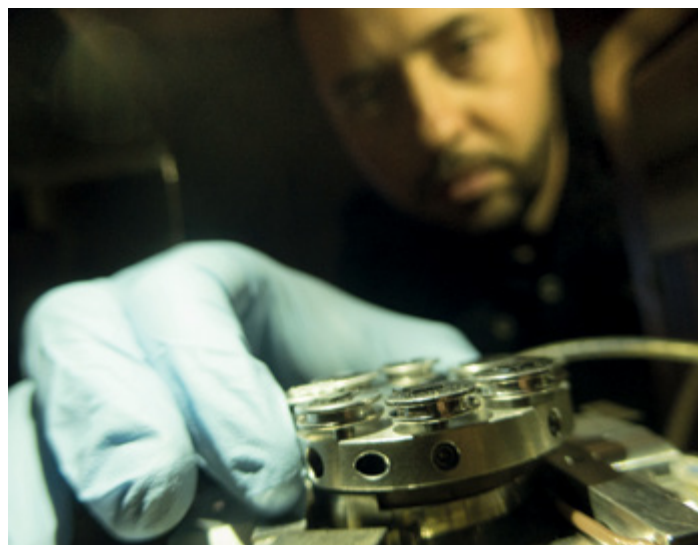




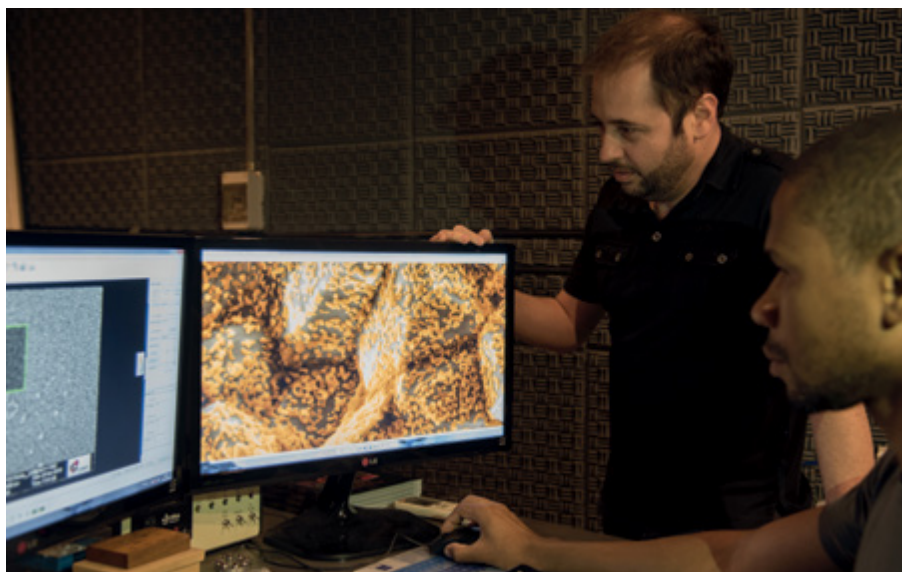
imagens e selecionamos as que nos parecem promissoras para a criação das fotografias pela forma e similaridade com objetos que conseguimos ver no mundo de escala real”, diz ele. Depois de selecionadas, elas passam por softwares para a colorização. Cada material estudado no laboratório apresenta uma forma diferente, e pode acontecer de um mesmo material ter diversas formas, dependendo de como ele foi processado ou sintetizado. “Nós apenas temos que ter o olhar apurado para percebermos se ela pode ou não gerar uma bela imagem”, informa o técnico.

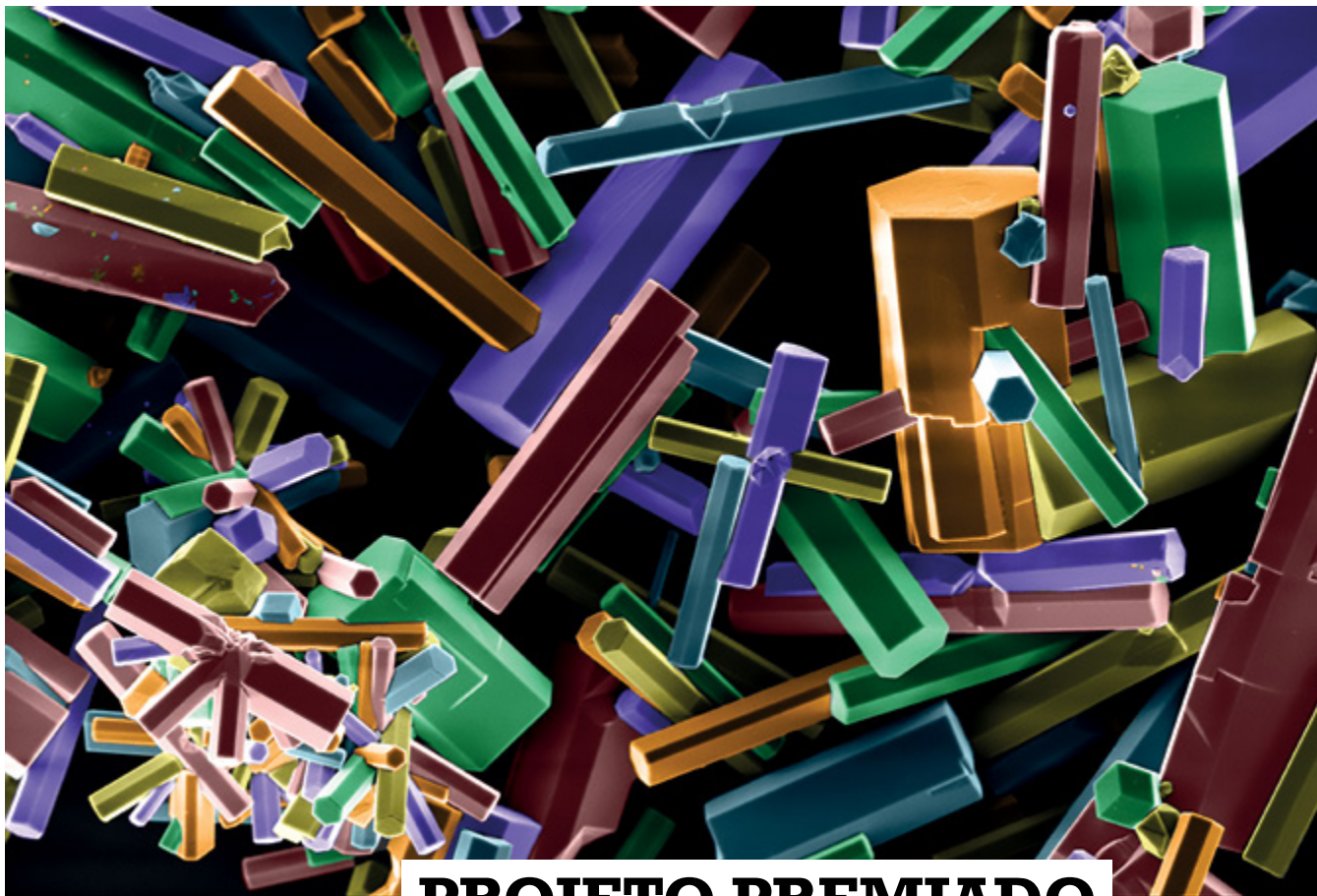
As nanofotografias recebem um nome acompanhado do composto químico que deu origem a elas. Exemplo: a imagem *Serpente* lembra uma cobra e é oriunda do composto químico óxido de titânio, muito utilizado na composição de protetores solares. A ideia dos cientistas de São Carlos ao criar imagens de viés artístico é chamar a atenção tanto para a ciência moderna quanto para seus meandros invisíveis. “O mundo ganha a cada dia mais produtos com aplicação da nanotecnologia. São tecidos com proteção solar, cosméticos, medicamentos, peças para computador e de muitas outras áreas. A nanoarte é uma forma poética de chamar a atenção para o caminho que a ciência está seguindo, abrir as portas dos laboratórios para um público que está fora das universidades e dos centros de pesquisas”, comenta Tranquilin.

Acima, *Serpente*, criada a partir de óxido de titânio; ao lado, recipiente com amostra sendo colocada na câmera a vácuo do microscópio



Abaixo, Ricardo Tranquilin (em pé) e Rorivaldo Camargo na colorização de uma imagem





Imagens: Rorivaldo Camargo/Ricardo Tranquilin

PROJETO PREMIADO

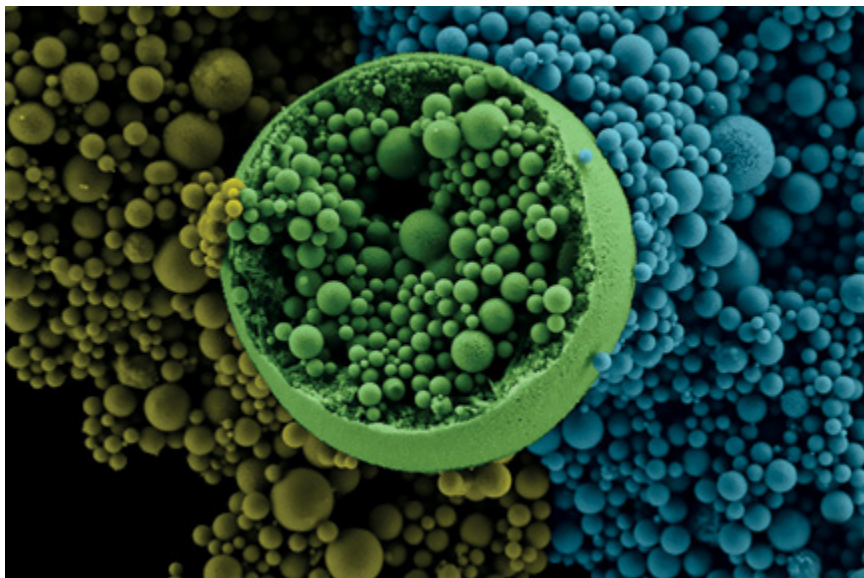
Acima, a imagem *Sweet Tubes*, que ficou em segundo lugar num concurso nos EUA; abaixo, a imagem *Union of Colors*, a partir de tungstato de cálcio dopado com zinco

O CDMF, coordenado pelo professor-doutor Elson Longo, é um centro integrado de pesquisa científica e tecnológica financiado pela Fapesp (Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e um dos poucos laboratórios que produzem nanofotografia regularmente no Brasil. Desde 2009, a equipe vem participando de diversos concursos para esse tipo de imagem

mundo afora e já conquistou diversos prêmios e menções honrosas.

O mais recente foi em novembro de 2019, quando Ricardo Tranquilin ficou com o segundo lugar na NanoArtography Competition do A. J. Drexel Nanomaterials Institute, nos Estados Unidos, com a imagem *Sweet Tubes*, eleita por um júri especializado – Rorivaldo Camargo também teve uma de suas criações, *Sea Coral*, como imagem mais votada no concurso International NanoArt Online Competition de 2010. Em 2018, o CDMF recebeu menção honrosa pela imagem *A Fog Day in the Park* e, em 2016, ficou com a terceira colocação com *Gerbera Flower* no mesmo concurso americano. “Além das premiações, sempre recebemos convites para expor as nanofotografias em vários lugares dentro e fora do Brasil. O trabalho está viajando o mundo e chamando a atenção para esse encontro da ciência com a arte”, explica Tranquilin.

Algumas das imagens que fazem parte da exposição *Nanofotografia – a arte no invisível* foram apresentadas em San Sebastian (Espanha), na Ilha de



A nanotecnologia

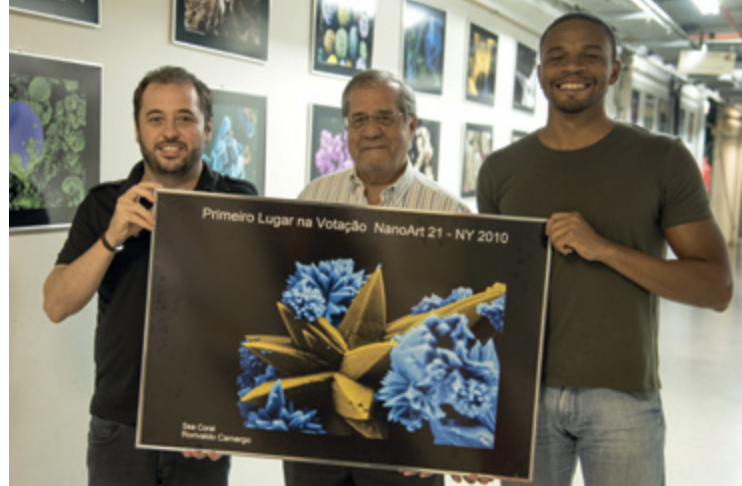
O termo nanotecnologia foi criado em 1974 pelo japonês Norio Taniguchi, e pode ser descrito como um ramo da ciência e da tecnologia utilizado para controlar materiais de forma a manipular átomos e moléculas para construir estruturas mais complexas. O avanço tecnológico dos microscópios possibilitou a observação do mundo em uma escala jamais percebida antes: átomos puderam ser vistos individualmente pela primeira vez em 1981 graças à criação do Microscópio de Varredura por Tunelamento (STM). Além dele, outra importante ferramenta de nanotecnologia é o Microscópio Eletrônico de Varredura (MEV), também usado na exploração de materiais em nanoescala.

A nanotecnologia atua no desenvolvimento de materiais e componentes para diversas áreas de pesquisa, como medicina, eletrônica, ciência da computação e engenharia dos materiais. Tem sido usada na modernização de setores da indústria e da tecnologia ligados a informação, energia, meio ambiente, segurança, alimentos e transporte. Também trabalha no desenvolvimento de soluções no tratamento de doenças.

Um dos exemplos de uso da nanotecnologia são as finas películas desenvolvidas para câmeras, óculos e computadores para fazer com que os produtos ganhem propriedades como impermeabilidade, antirreflexo, autolimpeza, resistência a raios ultravioleta e outros. Os *displays* OLED, presentes em câmeras, *smartphones* e TVs, também são fruto de estudos em nanoescala, oferecendo imagens com brilho maior e consumo reduzido de energia.

Creta (Grécia), em Tel Aviv (Israel) e em Iași (Romênia). Fora isso, os “nanoartistas” recebem convites para expor as obras no Brasil, normalmente em universidades e centros culturais. “Em 2019, fizemos

Tranquilin, o professor Elson Longo e Camargo mostram a imagem *Sea Coral*, premiada nos Estados Unidos, em 2010



André Ferreira



Acima, *Maçã do Amor*, nanofoto feita a partir de óxido de estanho e índio; abaixo, *Margarida*, imagem formada por partículas de óxido de zinco



três exposições em São Carlos e uma na Universidade de São Paulo (USP). Também levamos as exposições para a Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Paraná, e para a Universidade Federal da Grande

Dourados, no Mato Grosso do Sul”, informa Camargo. A agenda para 2020 já está sendo preparada e a equipe do CDMF espera conquistar novas premiações nas competições de ciência e arte pelo mundo.

Beleza no aba



ndono

Registrar lugares abandonados é mais que uma paixão para o fotógrafo britânico Simon Yeung, é uma fuga da realidade. Conheça a história dele

POR ANA LUÍSA VIEIRA



Quem vê as fotografias do escocês Simon Yeung reluta em acreditar que ele esteja há apenas

quatro anos no ramo: as imagens – que retratam obras arquitetônicas do presente e do passado – revelam uma combinação de olhar apurado e conhecimento técnico que muitos demoram a encontrar. “Sempre gostei de fotografia, mas passei a levar mais a sério perto de 2015, quando comprei minha primeira câmera com sensor *full frame* e comecei a retratar lugares abandonados”, conta. À época, estava de passagem pela França para visitar a irmã. Começou a procurar *points* fora dos roteiros mais comuns para clicar e acabou se deparando com a linha ferroviária desativada que percorre Paris. Embarcou numa viagem sem volta.

De lá para cá, o tema tornou-se central no portfólio do fotógrafo de ascendência chinesa de 40 anos de idade – para comprovar, basta uma rápida passagem pela conta dele no Instagram (@irmonkey). As imagens – que vão desde uma antiga casa de banhos na Romênia até uma finada usina elétrica na Hungria, passando por igrejas centenárias nos Estados Unidos – podem ser consideradas um tanto lúgubres, mas, para Yeung, constituem uma espécie de fuga da realidade. “A parte mais especial de registrar lugares abandonados é que vejo coisas que a maioria das pessoas nunca consegue ver ou experimentar. Às vezes, parece que estou entrando em outro mundo”, relata.

Ruínas de uma igreja na Itália: uso de tripé e preocupação com a composição equilibrada

ACASO
A série foi iniciada na França por acaso e hoje reúne imagens realizadas em 40 países



O fotógrafo ganha a vida como gerente de restaurante, mas consegue se programar para viajar para cidades ou regiões fora da Escócia que tenham imóveis abandonados ou em ruínas

VOLTA AO MUNDO EM BUSCA DE CENÁRIOS

A paixão é tamanha que, durante seis meses em 2018, ele passou viajando por Europa, América do Norte e Ásia exclusivamente para clicar lugares abandonados. Foram mais de 100 cenários. Nos últimos três anos, Yeung diz ter visitado cerca de 40 países com esse fim – a maioria das locações, garante, são “achados” da internet. Algumas outras surgem espontaneamente pelo caminho. Já apontar uma foto preferida é difícil: “Seria como escolher um filho predileto. Mas considero as que estão no meu site (irnmonkey.com) como as mais especiais”.

Simon Yeung é gerente de restaurante

em Glasgow, Escócia, e atualmente viaja apenas nas férias e feriados.

A maior parte dos perrengues para a série que produz, segundo Yeung, se concentra na própria natureza dos locais fotografados. “Minha maior preocupação sempre são os pisos dos lugares que foram abandonados há muito tempo. Revestimento de madeira com infiltração costuma ser uma combinação muito perigosa”, detalha. Buscar a melhor luz também entra na lista dos desafios constantes. “Fazer boas fotos de cenários ao ar livre depende muito de um tempo bom. A iluminação pode ser uma questão



Teatro na Inglaterra (acima), usina nos EUA (no alto) e palacete na Itália (ao lado): fotógrafo faz pesquisa de locações para produzir a série

Fotos: Simon Yeung



difícil, especialmente quando o edifício já não tem mais teto e lá fora faz muito sol", comenta.

Além disso, o próprio acesso às

construções abandonadas costuma ser um desafio. "Tenho que subir em telhados, o que não é a coisa mais fácil para mim, que não gosto de

altura. Já dentro dos prédios, preciso encontrar os melhores cômodos e prestar atenção para não cair em pisos que possam ceder", diz.



●● Já passei por situações engraçadas e de estresse em alguns dos lugares em que fotografei. Sempre há um desafio a ser vencido ●●

Simon Yeung

EQUIPAMENTO E PLANOS FUTUROS

Atualmente, Simon Yeung trabalha com uma *mirrorless* Sony A7R III acompanhada de uma zoom Sony FE 16-35 mm f/4 e uma supergrande angular Voigtlander 12 mm f/5.6. Usa também um tripé para manter um alinhamento correto na composição e para poder fotografar em baixa velocidade. Dispara três vezes em cada cena, fazendo exposições para

uso de HDR (High Dynamic Range), captando alta, média e baixa luzes. A pós-produção fica por conta dos tradicionais Photoshop e Lightroom.

Apesar do pouco tempo de estrada, Yeung coleciona episódios inusitados na sua busca pelo clique perfeito. “De longe, a coisa mais engraçada que me aconteceu dentro de uma construção abandonada foi passar por um guarda desavisado enquanto ele estava sentado, usando o vaso sanitário”, relembra. “A mais louca foi ter deslocado meu ombro numa queda e depois ser obrigado a escalar quatro cercas para sair do prédio em segurança. Felizmente, havia cinco amigos para me ajudar”, conta.

Entre o portfólio *online* e a conta no Instagram, diz que a página na rede social é a que mais ajuda na hora de divulgar os trabalhos. “Adoro a forma como você pode construir

Arquivo pessoal



No alto, salão de uma casa abandonada na França; ao lado, o fotógrafo sino-escocês Simon Yeung



Igreja em ruínas na República Checa: escolha dos ângulos é bem-feita

conexões e relacionamentos por lá e conhecer pessoas com os mesmos interesses", detalha. E, graças às fotografias de lugares abandonados, Yeung afirma ter se interessado, mais recentemente,

por registrar obras da arquitetura moderna – especialmente de nomes como o espanhol Santiago Calatrava e da iraquiana-britânica Zaha Hadid: "É algo que pretendo explorar no futuro", planeja.



Casa de villa no interior da Itália: uso de HDR ajuda na captação de luz



ASSISTÊNCIA TÉCNICA



Assistência técnica profissional a câmeras digitais, flashes e objetivas.

Atendemos todas as marcas e utilizamos somente peças originais conforme recomendado pelos fabricantes.

Há mais de 20 anos no mercado atendendo profissionais exigentes

Assistência técnica oficial Fujifilm

IMPORTAÇÃO PRÓPRIA DE PEÇAS ATENDEMOS TODO BRASIL

Rua Sete de Abril, 79, 2º andar, conj. 201
01043-000 - Centro - São Paulo - SP
Tel.: 11 3255.6067 | 3257.1632

WWW.PORTSSAR.COM.BR

Imagem de *Minamata*, trabalho documental do fotógrafo americano Eugene Smith nos anos 1970, grande referência do gênero no mundo

Eugene Smith

Em busca de profundidade

POR ÉRICO ELIAS

A fotografia documental se caracteriza por projetos de longo prazo e pela construção de uma relação profunda e autoral com o tema retratado



fotografia documental tem como marca os projetos de longo prazo. Ela se diferencia do fotojornalismo pelo fato de envolver o aprofundamento em um tema e suas implicações sociais. Enquanto o fotojornalismo busca informar sobre os acontecimentos, com a rapidez exigida pela notícia, o documentário fotográfico permite buscar as razões e motivações por trás dos fatos. Para o fotógrafo, crítico, professor e curador Juan Esteves, a grande referência desse campo é o americano

Eugene Smith (1918-1978). “Quando penso em documental me vem de imediato *Minamata*, um trabalho extenso, engajado, que trouxe um resultado positivo. As imagens de Smith mudaram a vida daqueles pescadores japoneses. O engajamento foi tamanho que ele quase morreu por isso”, aponta.

Minamata é uma cidade japonesa que sofreu, a partir de meados da década de 1950, com a poluição gerada pela indústria química Chisso. A contaminação das águas com mercúrio descartado pela



Jane Evelyn Atwood

Imagem de ensaio de
Jane Evelyn Atwood
sobre crianças cegas,
ganhador do Prêmio
Eugene Smith em 1980





Sebastião Salgado/Galeria Mario Cohen

Em certos casos, para criar uma relação de cumplicidade com o tema fotografado, é preciso retornar e apresentar os resultados aos envolvidos, ainda que parciais

Acima, imagem do projeto *Gênesis*, de Sebastião Salgado, desenvolvido entre 2004 e 2012

empresa causou uma série de problemas neurológicos irreversíveis em moradores da região, levando-os à paralisia e até à morte. A partir de 1971, Eugene Smith documentou a situação catastrófica e sofreu as consequências da atividade ao ser brutalmente espancado por capangas da Chisso em 1972, chegando quase a perder a visão do olho direito. Mesmo depois do ataque, ele permaneceu na região, até completar o livro *Minamata*, publicado em 1975.

Hoje, o Prêmio Eugene Smith, criado em 1980, é um dos maiores na área de fotografia documental, e a primeira a recebê-lo foi a franco-americana Jane Evelyn Atwood (veja mais sobre ela na edição 250 de **Fotografe**). Dois anos depois foi a vez de Sebastião Salgado, sem dúvida, a maior referência na fotografia documental brasileira. Salgado, economista de formação que migrou para a fotografia em 1974, desenvolveu grandes projetos ao longo dos últimos quarenta anos, sobre temas bastante vastos, como América Latina, o mundo do trabalho manual, as condições dos migrantes e, mais recentemente, sobre

locais em que a natureza ainda se encontra em estado original, como a série que vem fazendo com populações indígenas na Amazônia.

ÉTICA E FINANCIAMENTO

Todo projeto assumidamente documental envolve questões éticas cruciais. Acima de tudo, é preciso ser honesto com as pessoas fotografadas e com o público. A fotografia documental é uma troca. As pessoas fotografadas cedem suas imagens em prol de uma causa ou mesmo de interesses pessoais. Elas esperam que esse ato resulte na divulgação de suas histórias de vida a um público mais amplo, fortalecendo aspectos de sua cultura ou ajudando a transformar condições adversas.

Para criar uma relação de cumplicidade, é importante que se retorne para apresentar os resultados, ainda que parciais. É na relação entre o fotógrafo e o tema que se constrói um projeto consistente. Essa relação passa por um diálogo constante e sincero. Atualmente, as autorizações de uso de imagem se transformaram em item quase obrigatório na bagagem do documentarista.

Nessa área de atuação, o fotógrafo

Ao lado, foto da série sobre o candomblé, de José Medeiros, de 1951; abaixo, imagem feita pelo espanhol Pep Bonet, ganhador do Prêmio Eugene Smith de 2005

busca mostrar uma realidade em suas múltiplas facetas, mas isso não significa que seu papel se resume a registrar os acontecimentos, sem nenhum tipo de interação ou participação. É uma ilusão querer acreditar nesse tipo de objetividade. Por um princípio ético, não se pode falsear a realidade, mas os bons projetos documentais são autorais, o que implica um grau de criação e de subjetividade.

FINANCIAR PROJETOS

O grande desafio dos projetos documentais de longo prazo está no financiamento. Quanto mais se estende no tempo e no espaço, mais oneroso. Ao desenvolver um projeto por conta própria, o fotógrafo estará livre das limitações criativas de um trabalho encomendado, porém vai esbarrar em limitações de ordem financeira. Por isso é necessário buscar o equilíbrio entre trabalho comercial e autoral.

O financiamento coletivo (crowdfunding) tornou-se uma realidade palpável em anos recentes, mas a prática mostra que apenas projetos com algum diferencial capaz de fisgar os potenciais “patrocinadores” conseguem obter os recursos. A rede de contatos do fotógrafo também conta muito nessa modalidade de financiamento.

Outra fonte de renda potencial está na inserção das fotografias no circuito das artes, que pode resultar na venda de obras a colecionadores ou interessados em geral. Também é importante ficar ligado em oportunidades de bolsas, concursos, premiações e editais. Há também a possibilidade de financiamento via leis de incentivo à cultura por meio de isenção fiscal. Nesses casos, a empresa que fará o aporte é que terá de ser “convencida” da importância do projeto.

Transformar um grande projeto

José Medeiros/IMS



Pep Bonet



em pautas pontuais para o mercado editorial é outra maneira de viabilizar sua realização. Mas Juan Esteves é taxativo ao apontar a diminuição do espaço editorial para as grandes reportagens na imprensa brasileira.

“Matérias como a feita por José Medeiros sobre o Candomblé, publicada em 1951 na revista *O Cruzeiro*, com 42 imagens, nunca mais serão publicadas. Até os anos 1980, revistas no Brasil e no exterior



José Bassit

Foto do projeto documental *Baixo Augusta*, desenvolvido por José Bassit na região da Rua Augusta, em São Paulo (SP)

ainda tinham grandes reportagens. Atualmente, uma matéria no Brasil e em algumas revistas do exterior tem no máximo de 8 a 10 fotos”, aponta.

Nos dias de hoje, uma alternativa são as plataformas digitais, que transformaram o jornalismo e abriram a possibilidade para publicação de grandes séries fotográficas sem limitação de espaço. A edição digital também trouxe novas ferramentas, como a possibilidade de editar ensaios no formato audiovisual. O problema é que, na mídia, paga-se pouco pelo trabalho do fotógrafo.

IR FUNDO NO ASSUNTO

Os projetos documentais de longa duração também se diferem das grandes reportagens, que permitem uma cobertura mais cuidadosa e adensada, fugindo ao *hard news*, mas ainda estão no campo do fotojornalismo, pois resultam em pautas específicas e bem circunscritas no tempo e no espaço. Para Juan Esteves, fotojornalismo e fotografia documental são diferentes, mas não excludentes. “A principal preocupação do fotojornalista é com a notícia, ele tem que passar para um público específico o que está vendo e traduzir o fato em imagens o quanto antes e, se possível, de uma maneira isenta. O documentarista tem um trabalho mais engajado, que representa a vontade do autor em discutir algum tema. Exige muito mais pesquisa e dedicação do fotógrafo”, compara.

O documentário fotográfico funciona por meio do acúmulo e do desdobramento de um grande tema em várias abordagens. Para tanto, é necessário deixar o tempo passar e voltar ao mesmo lugar mais de uma vez, em diferentes ocasiões. Só assim é possível captar as transformações daquilo que se está fotografando. Outro tipo de abordagem pode ser realizado

Com dinheiro do governo

Do ponto de vista histórico, a utilização da fotografia documental foi marcada pela subvenção estatal ou pela viabilidade comercial do tema tratado. Uma das primeiras iniciativas nesse sentido foi a Missão Heliográfica, bancada pelo governo da França, que escalou fotógrafos para realizar um levantamento de 175 edifícios considerados patrimônio histórico nacional, no ano 1851. No Brasil, Marc Ferrez (1843-1923) se destacou como documentarista de obras realizadas pelo poder público entre o final do século 19 e o início do século 20, como a construção de ferrovias e as reformas modernizadoras realizadas pelo prefeito Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro.

A fotografia documental também serviu como instrumento de denúncia e como indutora de mudanças. Exemplos disso são os trabalhos de Jacob Riis

(1849-1914) e Lewis Hine (1874-1940), cuja documentação das condições de vida da classe trabalhadora nos Estados Unidos levou a avanços decisivos na legislação trabalhista. As obras desses dois fotógrafos influenciaram a realização do mais ousado projeto documental subvencionado pelo poder público na história da fotografia, realizado pela Farm Security Administration (FSA) nos Estados Unidos, entre 1935 e 1942, visando fazer um diagnóstico sobre as condições precárias da vida na zona rural do país após a Grande Depressão (confira o trabalho de Dorothea na pág. 64).

A fotografia documental ganhou enorme impulso com o surgimento das revistas ilustradas, cujo principal modelo foi a americana *Life*, a partir da reforma no projeto editorial realizada por Henry Luce em 1936. As fotos ganharam então um *status* equivalente ao do texto e teve início ali a utilização sistemática

de narrativas fotográficas pela imprensa. Poucos anos depois, já na década de 1940, o surgimento da Magnum, agência de fotógrafos independentes em busca de desenvolver suas próprias histórias, como Henri Cartier-Bresson e Robert Capa, foi outro marco no setor. Desde sua fundação em 1947, a Magnum segue sendo a principal referência no universo da fotografia documental.

O documentário fotográfico adentrou o ambiente das artes também na década de 1940, com a fundação do Departamento de Fotografia do Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York, que desde o início incorporou ao seu acervo obras desse gênero. Basta frequentar uma edição da Bienal de São Paulo ou de Veneza para verificar que os trabalhos documentais seguem em voga na arte contemporânea.

por meio de uma variação espacial: visitar lugares diferentes onde ocorrem fenômenos da mesma natureza, registrando a variedade de expressões daquele tema.

Seja qual for a abordagem escolhida, todo projeto documental funciona de maneira cíclica. O momento da pré-produção, que envolve pesquisa e planejamento, é fundamental para garantir o sucesso do trabalho em campo. Depois de capturar as imagens, chega o momento da pós-produção, que consiste no tratamento e na edição do material. Realizado o percurso que vai da pré até a pós-produção, é possível avaliar os resultados parciais, e essa avaliação será decisiva para definir os próximos desdobramentos. A ideia inicial vai se transformando nesse percurso e o projeto ganha corpo, como pode ser visto nos trabalhos do paulista José Bassit, da gaúcha Mirian Fitchner e do pernambucano Elias de Oliveira, mostrados nas páginas seguintes.

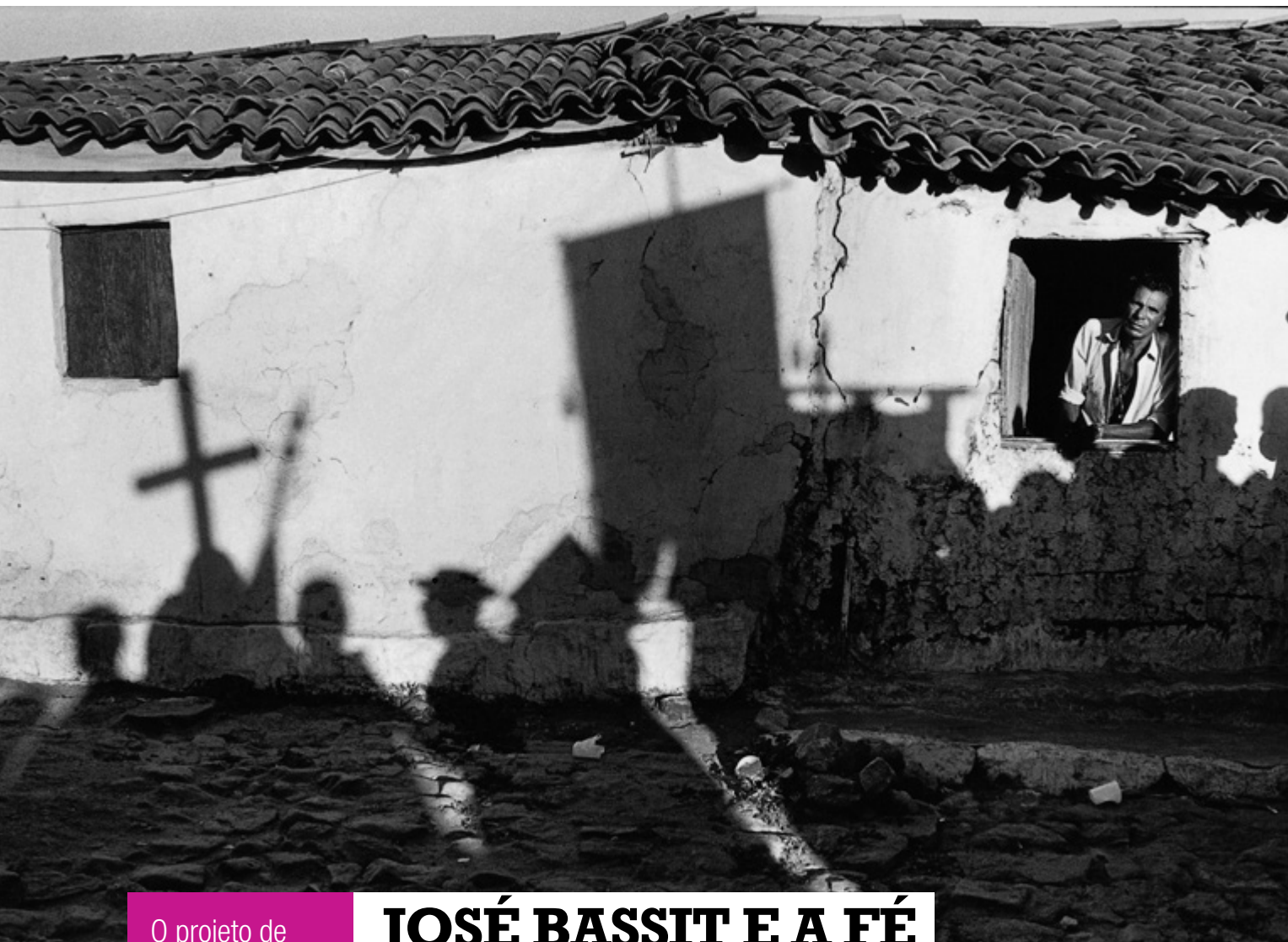
Ao lado, retrato de menina que faz parte de um trabalho sobre a religião muçulmana na África; abaixo, foto do projeto *Cavalo de Santo*, de Mirian Fitchner



DiversityStudio



Mirian Fitchner



O projeto de José Bassit ganhou livro e exposição, que são os frutos naturais de um documentário fotográfico feito com dedicação e persistência ao longo de anos

Acima, foto do projeto *Imagens Fiéis*, de José Bassit, sobre a religiosidade no Brasil

JOSÉ BASSIT E A FÉ DO BRASILEIRO

O grande projeto documental do paulistano José Bassit resultou na publicação do livro *Imagens Fiéis* pela editora Cosac Naify, em 2004. Tudo começou em 1998, quando ele era fotógrafo do jornal *O Estado de S. Paulo* e sentia vontade de registrar um Brasil mais autêntico. “Fui aconselhado por um colega do jornal a ir a Juazeiro do Norte, no Ceará, terra de Padre Cícero. Peguei o equipamento e fui para a festa de Finados, em novembro de 1998, e descobri que era exatamente o que eu queria documentar: a fé e a esperança dos brasileiros. Foi paixão imediata, tanto que voltei mais seis vezes. Também fui descobrindo, através de relatos de amigos, que existiam outras grandes manifestações religiosas por todo o Brasil e aí começou meu

envolvimento com o tema”, recorda Bassit.

O projeto levou cinco anos para ser concluído, de 1998 a 2003, e consumiu todas as reservas financeiras que ele tinha. Bassit realizou 27 viagens, por 7 estados. A publicação do livro por uma editora de renome contribuiu para consolidar o trabalho documental como uma marca dele. Tanto que até hoje *Imagens Fiéis* rende exposições. Em 2020, o material está programado para ser exibido na Galeria Imágicas, em São Paulo (SP), entre os meses de abril e maio. Além do Brasil, já foi mostrado na Inglaterra, na França, em Moçambique e no Chile.

Atualmente, Bassit trabalha em dois projetos de maneira simultânea. Em *Baixo Augusta*, documenta a noite em uma das

Ao lado e abaixo,
mais fotos de
Imagens Fiéis:
projeto começou
com uma viagem a
Juazeiro do Norte
(CE) e demorou
cinco anos para
ser concluído

regiões mais boêmias da cidade de São Paulo. Há alguns anos, ele acompanha as festas de Iemanjá em Praia Grande (SP) e planeja juntar esse material ao registro de outras festas religiosas celebradas nas águas, cujo título provisório é *Senhora das Águas*.

O primeiro ensaio documental dele foi feito no metrô de Londres, Inglaterra. Era 1984, ele havia acabado de se formar e foi passar um ano fora para aprender inglês. Os ares londrinos foram decisivos na escolha da fotografia como caminho profissional, pois permitiu a ele entrar em contato com um circuito de galerias e livros que existia de maneira ainda muito incipiente no Brasil.

FATOR FINANCEIRO É CRUCIAL

Para José Bassit, a principal característica da fotografia documental está na oportunidade de se aprofundar no tema escolhido, registrando um pouco da época em que se vive. Mas liberdade de ação no documentário fotográfico também cobra o seu preço. "Com certeza, o fator financeiro é o mais importante no trabalho documental, pois raramente se tem patrocínio para esse tipo de projeto. O trabalho comercial foi o que bancou meus projetos pessoais. Sendo assim, você está sempre no limite de verbas", constata ele, que atualmente faz poucos trabalhos comerciais e se dedica a dar aulas e a buscar a inserção de suas fotos em galerias de arte.

Por causa da grande cumplicidade com as pessoas que fotografa, Bassit conta que nunca pediu autorização para uso de imagem e que jamais teve problemas com isso. "Mas fiz um grande trabalho sobre as barbearias de São Paulo, entre 2003 e 2004, e não peguei nenhuma autorização dos barbeiros. Isso acabou atrapalhando na hora de buscar a publicação de um livro, pois as editoras para quem ofereci só aceitavam



Fotos: José Bassit

Quem é ele

Nascido em São Paulo (SP), em 1957, José Bassit começou a se interessar pela fotografia quando fazia faculdade de Comunicação Social. Em 1984, morou um ano em Londres, quando a fotografia entrou de vez em sua vida. De volta ao Brasil, começou a trabalhar profissionalmente no jornal *O Estado de S. Paulo*. Desde 1997, atua como fotógrafo independente. Instagram: [@josebassit_fotos](#).



O fotógrafo gosta de usar a zoom 24-70 mm para se aproximar da cena sem interferir

publicar com as autorizações", explica ele, que tem o material parado. "Vários dos barbeiros já morreram e hoje nem tem como pedir mais autorização. Ir atrás das famílias pode ser uma solução, mas ainda não resolvi isso", diz ele.

Com relação ao equipamento, utiliza o absolutamente essencial: DSLR Canon acompanhada das objetivas 24-70 mm, 50 mm e 70-200 mm. "Praticamente uso só a 24-70 mm, pois gosto de chegar perto do assunto a ser fotografado, mas sem interferir na cena", explica. O uso da luz ambiente também é uma constante no trabalho dele, que muito raramente lança

mão de um flash compacto dedicado. Ele considera que o tripé é um acessório fundamental para conseguir bons retratos em situação de baixa luz.

Bassit migrou para o digital somente em 2012, quando passou a tratar os próprios arquivos. Antes disso, contava com bons laboratoristas para revelar e ampliar suas imagens. "Quando estou fotografando, tento interferir o mínimo possível no que está acontecendo diante de mim. Sempre trato os fotografados com muito respeito. Geralmente volto aos lugares e presenteio os envolvidos com seus retratos", explica.



Ale Ruaro



Romeiros devotos de Padre Cícero: projeto sobre a fé consumiu todas as reservas financeiras do fotógrafo

Fotos: José Bassit



LIVRO

Publicar o
projeto em uma
editora de renome
ajudou o fotógrafo
a consolidar
sua marca



PESQUISA

Censo do IBGE
foi o ponto de
partida para o
documentário da
fotógrafa

MIRIAN FICHTNER E O SUL AFRO

A gaúcha Mirian Fichtner vive há 33 anos no Rio de Janeiro (RJ), onde desenvolveu a carreira. O primeiro projeto documental surgiu em 2005, quando ela leu uma matéria no jornal *O Globo* (com a tabulação do censo do IBGE sobre as religiões de matriz africana no Brasil) que colocava o Rio Grande do Sul como o estado brasileiro com maior número de adeptos declarados e de terreiros proporcionalmente ao número de população. “Eu era editora de fotografia da revista *Época* e desejava mergulhar em um mundo desconhecido para realizar um trabalho autoral em profundidade.

Pedi demissão e fui para o sul articular esse trabalho. Pensei que iria realizá-lo em um ano, mas levei quatro até sair o livro”, conta.

Foram dois anos pesquisando, visitando e conhecendo o Batuque, como é conhecida a religião de origem afro no sul do Brasil, mais dois anos fotografando e preparando o livro *Cavalo de Santo: religiões afro-gaúchas*, publicado em 2010 pela Fundação Cultural Palmares. O processo de pesquisa envolveu visita a 100 terreiros e 30 casas de santo, dos quais foram escolhidos 13 para entrar no projeto. “Ao longo da pesquisa, percebi que o tema não fazia parte da

cultura oficial gaúcha. Essa suspeita se materializou nas inúmeras recusas de patrocínio ao projeto”, lembra.

A persistência, uma das principais qualidades em um fotógrafo documental, acabou trazendo recompensas. O projeto gerou quatro grandes exposições, no Santander Cultural, em Porto Alegre (RS), na Casa dos Azulejos, em Rio Grande (RS), no Centro Cultural da Justiça Federal, no Rio de Janeiro (RJ), e no Museu da Cultura Afro-Brasileira, em Salvador (BA).

O livro ganhou o 2º Prêmio Nacional de Cultura Afro-Brasileira, em 2012, e o 1º Prêmio Petrobrás

Fotos: Mirian Fichtner



Fotos do projeto *Cavalo de Santo*, de Mirian Fichtner, sobre religiões afro no Rio Grande do Sul



A fotógrafa registrou manifestações da religiosidade de matriz africana até dentro de um mercado em Porto Alegre

Quem é ela

Mirian Fichtner nasceu em Porto Alegre (RS) e se formou em Jornalismo pela PUC/RS. Desde 1987 vive no Rio de Janeiro (RJ), mas retorna com frequência ao seu estado natal. Trabalhou como fotógrafa em diversas publicações e foi editora de fotografia da revista *Época* de 2001 a 2005. Fundou a Pluf Fotografias em 2006, empresa que atua nas áreas editorial e corporativa. Faz parte do coletivo carioca PictoRio. Instagram: [@mirianfichtner](#).



Mirian Fichtner usou flashes e lanternas, por isso ficou conhecida como “a moça da luz”

de Jornalismo, em 2013. Em 2018, foi selecionado pela revista *ZUM*, do Instituto Moreira Salles, como um dos 10 livros de fotografia mais relevantes sobre a cultura afro-brasileira. O projeto se transformou em um documentário de longa-metragem em 2016, programado para ser finalizado e lançado em 2020. A fotógrafa também trabalha em uma segunda edição do livro, que está esgotado.

A MOÇA DA LUZ

Mirian Fichtner usa equipamento Nikon e costuma planejar o que vai levar a campo em função do tipo de trabalho que irá fazer. Geralmente, procura usar o mínimo possível, para ter agilidade. Gosta de ter à mão luz artificial em externas, aproximando esse tipo de cenário das características da fotografia

de estúdio. E, no caso específico do projeto *Cavalo de Santo*, a luz artificial se fez necessária, já que a maioria dos eventos nos terreiros gaúchos são realizados à noite.

Mirian tinha à disposição duas cabeças de flash da marca Lumedyne alimentadas por baterias, além de lanternas e rebatedores. Em muitos casos, usou o flash como luz de preenchimento, deixando o Sol na contraluz.

“Gosto de trabalhar com assistente, mas no caso do *Cavalo de Santo* era um complicador, pois quanto menos eu aparecesse, melhor. Procurava ser uma energia invisível. Foi muito legal a experiência de conviver com seres, entidades e Orixás em uma outra dimensão do mundo material. Eles me tratavam carinhosamente como ‘a moça da luz’, em uma alusão à luz do



Fotos: Mirian Fichtner



flash que eu disparava através de sinal infravermelho”, recorda a fotógrafa.

Mirian afirma que se tornou impensável fazer um projeto sem recolher autorização de uso de imagem dos envolvidos. Para ela, isso acaba dificultando a realização e a espontaneidade das fotos. Já na questão de custos de projetos, ela comenta que o Brasil passa por um período de “vacas magras”.

“Sempre financeiei meus projetos autorais com o que ganho na área corporativa ou participando de editais, só que hoje há cada vez menos editais de abrangência nacional com temática livre. A alternativa para desenvolver projetos é por meio de financiamento coletivo, mas, infelizmente, ainda não temos a cultura colaborativa consolidada no País”, avalia.

Fazer um projeto documental sem ter todas as autorizações de uso de imagem assinadas pelos envolvidos é impensável hoje, diz a fotógrafa



Nunca é tarde para dar início a um projeto documental, como prova o trabalho feito por Elias Oliveira no sertão do Nordeste

ELIAS OLIVEIRA E O SERTÃO IMPONENTE

A fotografia chegou de maneira tardia e arrebatadora na vida do pernambucano Elias Oliveira. Graduado em Tecnologia da Informação, trabalhou por 32 anos em atividades relacionadas à aviação civil e na área de informática. A transição para a fotografia aconteceu em 2015, ao fazer um curso no Senac-PE. Logo na primeira semana de aula, adquiriu câmera e lentes e se esqueceu de vez de qualquer outra atividade, tamanha a motivação.

A partir de 2016, com vontade de praticar e aprender mais, Oliveira se dedicou a pequenos projetos autorais em Recife (PE) em viagens de lazer por cidades do interior de Pernambuco. Registrou o trabalho dos oleiros em Tracunhaém e a magia do maracatu rural em Nazaré da Mata. Em meados 2017, uma palestra do renomado Araquém Alcântara em um

evento na capital pernambucana chamou a sua atenção. O fotógrafo alertou os presentes para a necessidade de se retratar o sertão nordestino, visando valorizar a cultura regional. Desse alerta que nasceu *Sertão Imponente*, primeiro projeto documental de longo prazo de Elias Oliveira, 60 anos de idade.

"Quando se fala do sertão, é comum dar ênfase apenas aos problemas que afligem os sertanejos e às terríveis consequências produzidas pela seca. Para estimular um olhar diferente, venho percorrendo regiões do semiárido nordestino documentando comunidades, fazendas e sítios da zona rural. Busco retratar a beleza dos cenários, o poder da natureza, a riqueza da cultura, o cotidiano do povo e coisas do sertão", resume.

Oliveira vai desdobrando o tema

Acima e na pág. ao lado, imagens do projeto *Sertão Imponente*, realizado pelo fotógrafo Elias Oliveira desde 2017





“A fotografia documental tem me propiciado incontáveis momentos de felicidade, motivação, realização pessoal e profissional”

Elias Oliveira

mais amplo em uma série de temáticas específicas. Atualmente, ele está em fase de conclusão da temática “A Cultura do Vaqueiro”, com imagens realizadas em Serrita (PE). Outras temáticas são desenvolvidas em paralelo, visando ao aproveitamento e ao incremento na produção de imagens que poderão ser utilizadas em outro momento. “Sair a campo é a etapa mais prazerosa para qualquer fotógrafo documental, desde

que as etapas de pesquisa, planejamento e pré-produção tenham sido executadas a contento. Minhas saídas começam dias antes por meio de uma visita, que considero indispensável para conhecer os fotografados e vice-versa. É preciso se familiarizar com a rotina e as peculiaridades do ambiente em que tudo vai acontecer, explicar sobre o projeto e esclarecer sobre a necessidade e a importância da permissão do uso de imagem”, ensina.

As imagens do documentário (acima e ao lado) têm um tratamento em P&B característico, feito pelo próprio fotógrafo no Lightroom





FOTOS AOS RETRATADOS

Após a realização de uma sessão de fotos, Oliveira sempre leva um álbum de imagens às pessoas retratadas. Essa interação é fundamental para ganhar a confiança e para retribuir o tempo disponibilizado pelos participantes. Ao retornar várias vezes ao mesmo lugar, o fotógrafo vai criando vínculos afetivos com o tema e passa a compreender de maneira cada vez mais completa todas as questões que envolvem aquela realidade. Outra peculiaridade é que ele sai para fotografar acompanhado da irmã, Helena, que atua como assistente. Na prática, percebeu a importância da presença feminina por ser um facilitador no processo de aproximação das pessoas fotografadas, principalmente quando se trata de uma família ou casal.

Apesar da existência de vários caminhos possíveis para o financiamento de projetos, até o momento Elias Oliveira tem bancado a realização de *Sertão Imponente* com recursos próprios. Não vê a prática como gasto, mas como investimento, que deve resultar em ganhos futuros, mas já tem dado frutos imediatos. “A fotografia documental tem me tornado uma pessoa melhor, propiciando incontáveis momentos

de felicidade, motivação, realização pessoal e profissional. Isso se dá pela possibilidade de poder tocar o projeto com total liberdade, sem pressões, interferências, cobranças e prazos”, avalia.

Oliveira reconhece que a conciliação de trabalho comercial e autoral é o sonho de todo fotógrafo. Uma vez que iniciou a produção recentemente, ainda não tem muita familiaridade com os mercados editorial e de arte no Brasil. Ainda assim, *Sertão Imponente* já começa a colecionar resultados positivos. O trabalho foi selecionado para a Mostra de Portfólios do 8º Festival de Fotografia de Tiradentes, em 2018, foi um dos vencedores do 13º Prêmio New Holland de Fotojornalismo e ficou entre os finalistas da Convocatória no 15º Paraty em Foco, ambos em 2019.

Uma das características do documentário fotográfico de Oliveira está no tratamento das imagens em P&B, que é bastante contrastado. “É na pós-produção que a fotografia fica com a minha cara. Uso o módulo revelação do Lightroom para trabalhar contrastes, texturas, luz e sombra, preto, branco, tons de cinza e outros recursos que possam mostrar e valorizar tudo aquilo que vi e o que senti naquele momento único e mágico”, explica.

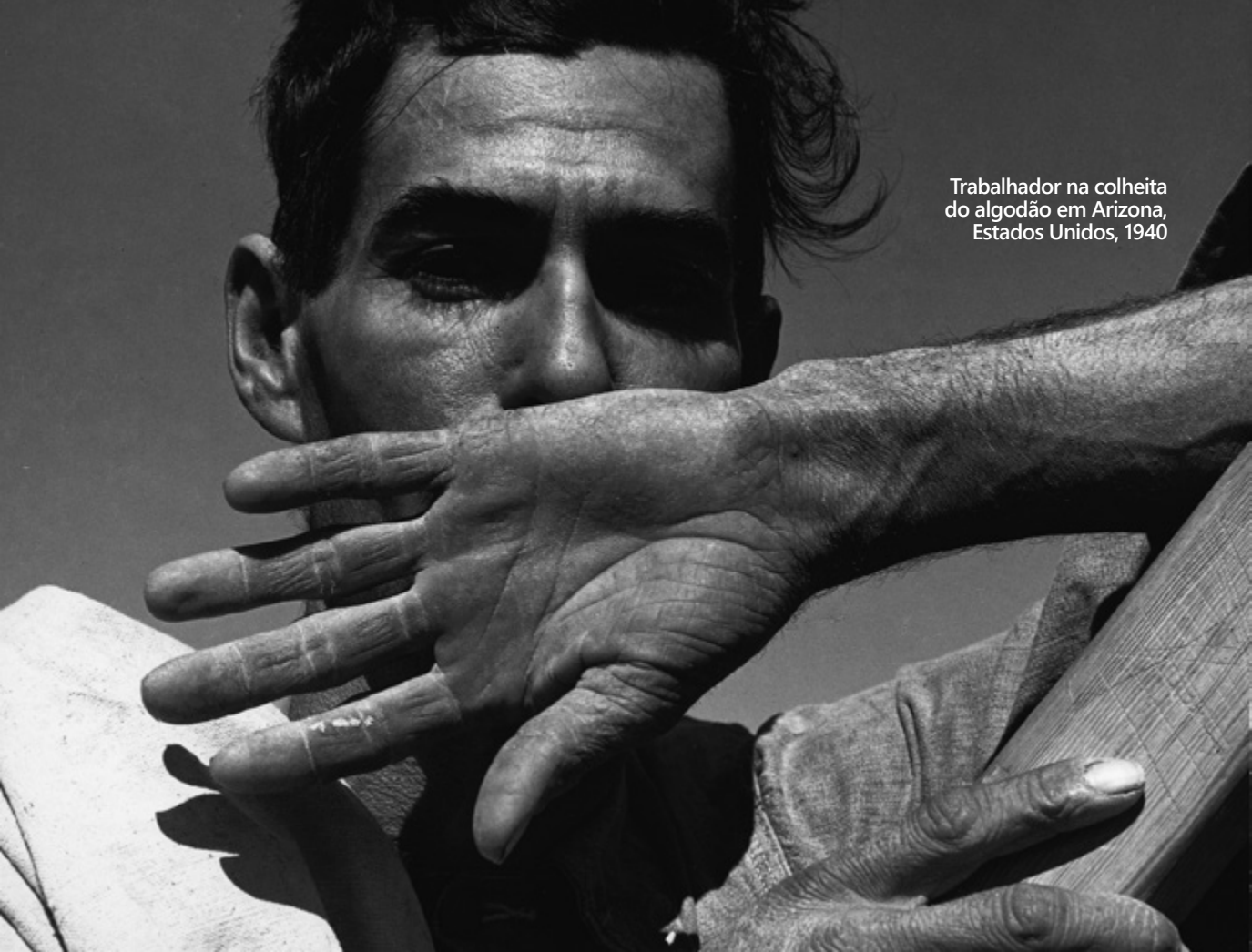
A chuva no sertão de Pernambuco: Elias Oliveira busca exprimir o lado positivo da região

Quem é ele

Pernambucano nascido em Recife, Elias Oliveira se formou em Tecnologia da Informação e trabalhou na área até 2009, quando se aposentou. Ele descobriu a fotografia tardiamente, no final de 2015, ao realizar um curso no Senac-PE. A partir de 2016, passou a desenvolver pequenos projetos autorais. Em 2017, iniciou o projeto *Sertão Imponente*, ao qual se dedica atualmente. Instagram: @eroliveira.fotografia.



Arquivo pessoal



Trabalhador na colheita
do algodão em Arizona,
Estados Unidos, 1940

Fotos: Dorothea Lange

Imagens e palavras

Retrospectiva da fotógrafa americana Dorothea Lange no MoMA de Nova York resgata a força documental das fotografias e das mensagens por ela deixadas

POR ÉRICO ELIAS

Documentar o real para ajudar a compreendê-lo e transformá-lo. Essa foi a grande marca da obra da fotógrafa Dorothea Lange (1885-1965), americana nascida em New Jersey em uma família de origem alemã. Ela é a protagonista de uma exposição retrospectiva intitulada “Dorothea Lange: words and pictures”, prevista para o Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York, de 9 de fevereiro a 2 de maio de 2020. Lange deu os primeiros passos na fotografia em um estúdio que

atendia às classes mais abastadas de São Francisco, Califórnia, costa oeste do país. Sua abordagem mudou radicalmente no início da década de 1930, quando passou a se interessar pelo registro das ruas e se deparou com as consequências devastadoras da Grande Depressão, período que se seguiu ao *crash* da bolsa de Nova York, ocorrido em 24 de outubro de 1929.

Uma das imagens mais marcantes desse período, realizada em 1932, mostra a fila do pão em White Angel, São Francisco. Tomada de um ângulo ligeiramente elevado, sintetiza sua

força em um homem no primeiro plano, que olha desolado para algum lugar perdido. Sem retirar a dignidade do personagem, Lange conseguiu expressar a aspereza de suas condições: a fome e o desemprego.

Em 1935, Lange se separou do primeiro marido, o pintor Maynard Dixon, com quem teve dois filhos, e casou com o economista Paul Schuster Taylor. Essa mudança na vida privada também se refletiu na transição da fotografia de estúdio para a fotografia documental e teve desdobramentos em sua obra.



A fila do pão em
White Angel, São
Francisco, 1933, uma
das imagens icônicas
de Dorothea Lange

Campo em Childress County, Texas: foto feita em 1938 para a Farm Security Administration



Fotos: Dorothea Lange

A fotografia foi utilizada pela FSA para registrar a realidade, criar diagnósticos e orientar ações após a Grande Depressão

A LENDÁRIA FSA

A partir de 1935, Dorothea Lange passou a trabalhar para a Resettlement Administration, agência criada pelo presidente Franklin Delano Roosevelt para ajudar a reverter os efeitos da Grande Depressão na zona rural, apoiando pequenos proprietários de terra a retomar suas atividades. Em 1937, a agência mudou seu nome para Farm Security Administration (FSA), e passaria para a história como um dos maiores fomentadores da fotografia documental.

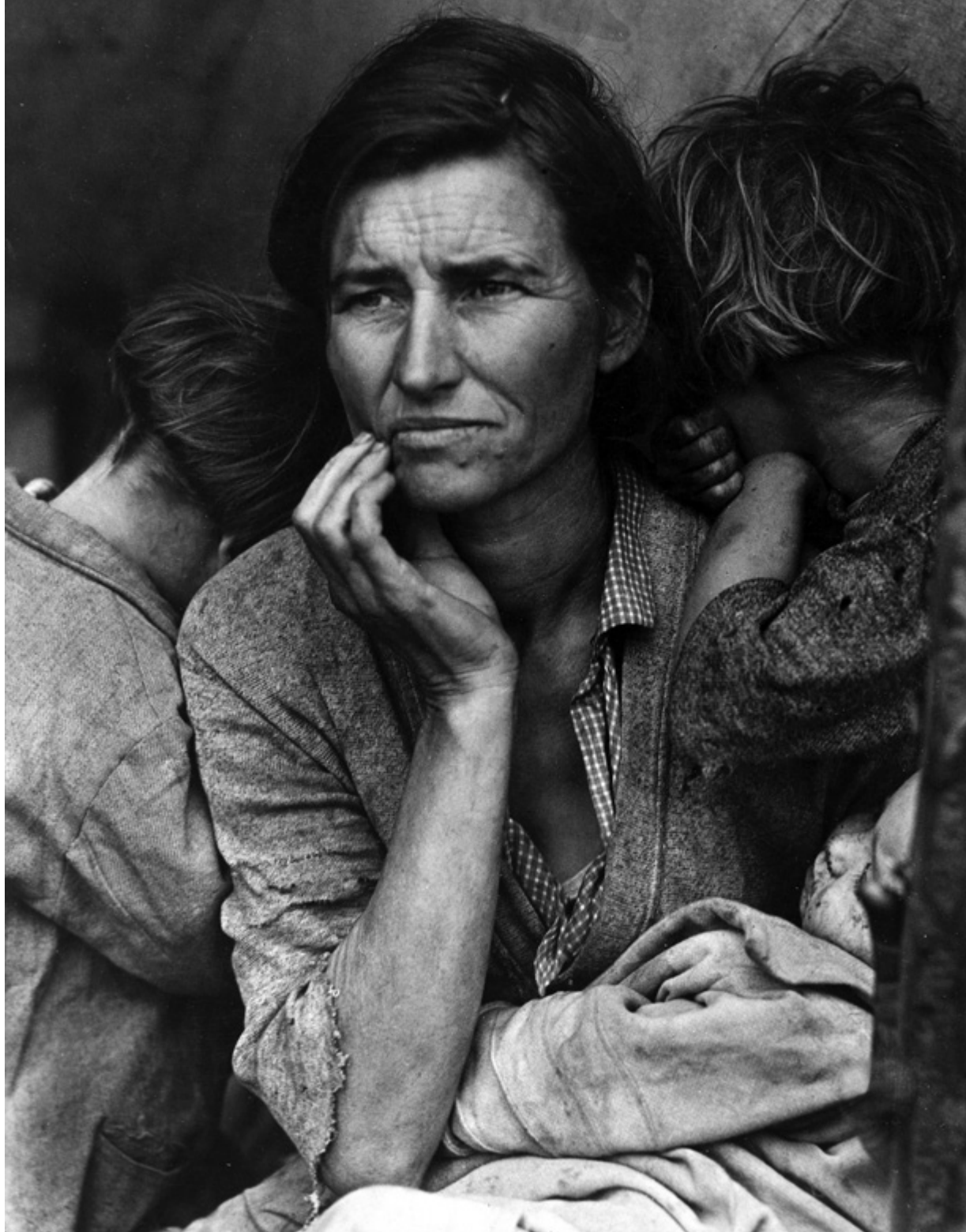
A fotografia foi amplamente utilizada pela FSA para registrar a realidade, criar diagnósticos e orientar ações. Roy Stryker (1893-1975) dirigiu a seção de fotografia da FSA de 1935 a 1942 e orientou o trabalho de documentação realizado por fotógrafos como Dorothea Lange, Walker Evans, Russell Lee, Jack Delano e Gordon Parks. A agência acumulou um acervo de cerca de 270 mil imagens, algumas delas se tornaram icônicas.

A mais famosa e reproduzida dentre elas é a que ficou conhecida como *Mãe Migrante*, realizada por Lange em 1936. A fotógrafa conta que a cena de uma mulher faminta com seus dois filhos pequenos atraiu seu olhar imediatamente. No movimento de aproximação, fez cinco fotogramas, conseguindo o enquadramento ideal no último clique. Florence Owens Thompson, de 32 anos, traz no rosto as marcas da miséria, e seus dois filhos se escondem envergonhados nos ombros dela.

A força desse retrato fez com que a imagem corresse o mundo, tornando-se

Abaixo, Dorothea Lange em campo com sua câmera de fole, em foto feita no Texas, em 1935





em uma das fotografias mais reproduzidas da história. O MoMA incluiu a imagem na primeira exposição realizada pelo Departamento de Fotografia do museu, realizada no ano de sua criação, em 1940.

Na maior parte das saídas a campo, Lange ia acompanhada de seu marido, Paul Taylor, também contratado pela FSA. Da colaboração entre os dois nasceu o livro *An*

American Exodus: a record of human erosion, publicado em 1939, um marco na fotografia documental. "O livro representa o coração desse projeto desenvolvido em conjunto: uma combinação deliberada e persuasiva de palavras e imagens que sugere formas para que os dois elementos possam se amplificar mutuamente", avalia Sarah Meister, curadora de fotografia do MoMA.

A "mãe migrante" com os dois filhos pequenos, registrada em Nipomo, na Califórnia, tornou-se uma das imagens mais reproduzidas da história



Acima, defensor público em tribunal da Califórnia, em 1957, e mulher retratada nas ruas de Richmond, no mesmo estado, em 1942



DIREITOS HUMANOS



Após sua atuação na FSA, Dorothea Lange seguiu documentando temas sensíveis relacionados aos direitos humanos nos Estados Unidos. Em 1942, ela registrou campos de internação compulsória de famílias de origem japonesa na costa oeste dos EUA. Tais campos foram criados depois do ataque japonês a Pearl Harbor, que marcou a entrada do país na Segunda Guerra Mundial. Todas as famílias foram indiscriminadamente declaradas suspeitas de colaboração com o Japão e internadas, sem que houvesse qualquer tipo de julgamento. As fotos de Lange expressam essa condição.

De 1955 a 1957, Lange trabalhou em um ensaio fotográfico para a revista *Life* sobre a vida de um defensor público na busca de obter justiça para pessoas carentes, a

Ao lado, crianças de ascendência japonesa em campo de internação compulsória na costa leste dos EUA, em 1942, durante a guerra

Igreja cheia, com fiéis
para fora, no Condado de
Clare, Michigan, em 1954

Fotos: Dorothea Lange

maioria delas negras. O ensaio não chegou a ser publicado, mas as imagens foram utilizadas para ilustrar o livro *Minimizing Racism in Jury Trials*, publicado em 1969 com o intuito de mitigar o racismo no sistema judiciário americano.

Além de veicular suas imagens em jornais e revistas, Lange teve ligações muito próximas ao Departamento de Fotografia do MoMA desde sua criação. Ela trabalhou intensamente em conjunto com o chefe do departamento, John Szarkowski, ao longo do ano 1965, para preparar a primeira grande exposição retrospectiva no museu de Nova York. Infelizmente, ela morreu em outubro de 1965, antes de ver a exposição,

que seria aberta em janeiro de 1966.

A nova retrospectiva de Lange no MoMA está centrada na relação entre fotografia e palavra ao longo da carreira da fotógrafa. A curadora Sarah Meister conta que se surpreendeu com a grande quantidade de escritos deixados por Lange enquanto fazia sua pesquisa para conceber a exposição. Uma passagem anotada no diário da fotógrafa diz que todas as fotografias são documentais, mesmo as feitas sem esse intuito, e podem ser fortalecidas quando combinadas às palavras. Essa passagem chamou a atenção da curadora Sarah Meister e acabou virando o mote da exposição.

Para Dorothea Lange, todas as fotografias são documentais e ganham mais força quando combinadas com palavras

Kodak Moments

**20%
OFF**

Impressora **Kodak** 305

Impressão de fotos profissionais

Imprima fotos nos tamanhos 5x15, 10x15 e 15x20 cm com a melhor qualidade do mercado fotográfico, em dois acabamentos (brilho e fosco), utilizando apenas um kit de impressão.

De R\$3.990,00

POR APENAS

R\$3.221,93

à vista

Ou em 10x de R\$339,15

**Oferta válida somente para este mês
de fevereiro, corra e aproveite!**

ONDE COMPRAR:

www.TUDOPRAFOTO.com

TUDOPRAFOTO

www.Tudoprafoto.com.br

vendas@tudoprafoto.com | (19) 3326-0122 | tudoprafoto.com.br

Revendedor oficial Kodak Moments.

Kodak e Kodak Moments são marcas registradas usadas sob licença de Eastman Kodak Company. © 2020 Kodak Alaris Inc.

Fotos: Divulgação



A nova Kodak 305 é compacta, leve, fácil de ser operada e gera impressões em quatro tamanhos diferentes

Impressão com qualidade e praticidade

Veja aqui como incrementar sua loja ou agregar valor ao seu trabalho fotográfico

Uma força no mercado online

A Tudo Pra Foto foi fundada em Campinas (SP) em 2005 com o objetivo de comercializar artigos e soluções fotográficas de qualidade por meio da internet. A loja online atende todo o território nacional, fazendo envios com agilidade e comprometimento, além de oferecer uma grande quantidade de produtos a preços muito atraentes. Com forte atuação no Mercado Livre, a empresa também é distribuidora autorizada de produtos das marcas consolidadas no mercado, como HiTi, Kodak, Fujifilm, Mitsubishi e Canon.

Tendo a satisfação do cliente como prioridade, a Tudo Pra Foto conta com uma equipe de vendas e pós-venda segmentada, atendendo a todas as solicitações em no máximo 24 horas úteis. Entre seus diferenciais estão o compromisso de despachar pedidos em até 24 horas após aprovação do pagamento; enviar 100% de produtos com emissão de nota fiscal; oferecer o melhor custo-benefício com produtos de alta qualidade; promover o rastreamento dos pedidos; garantir o atendimento pós-venda; e ofertar produtos com qualidade e variedade.

Ter na sua loja ou no seu estúdio uma impressora que ofereça qualidade de impressão profissional pode fazer uma grande diferença. Permite que você possa oferecer ao cliente imagens impressas em tamanhos variados, com acabamento fosco ou brilhante, e agrega valor ao seu trabalho fotográfico. A **Kodak 305** é a escolha certa para essa finalidade. Compacta, leve e fácil de ser operada, também foi projetada para ser usada em ocasiões em que o fotógrafo imprime na hora o resultado do seu trabalho (como em eventos corporativos, casamentos, festas de aniversário ou outras situações, como serviços de fotocabinas).

Com apenas um kit de impressão, a **Kodak 305** gera cópias em quatro tamanhos diferentes: 5 x 15 cm, 10 x 15 cm, 13 x 18 cm e 15 x 20 cm – ágil, tem velocidade de impressão de apenas 11,4s para o tamanho 10 x 15 cm. Além disso, o papel **Kodak Xtralife II** permite que você entregue ao cliente fotografias resistentes a manchas e água, que poderão ser vistas por gerações (a durabilidade prevista é de 100 anos).

Acoplada a uma estação de

Na Kodak Moments Order Station M1, o cliente comanda a impressão

autoatendimento **Kodak Moments Order Station M1**, a **Kodak 305** pode colocar sua loja na vanguarda dos serviços sob demanda, em que o próprio cliente, de um **smartphone**, comanda a impressão das imagens que desejar, já que hoje os consumidores valorizam e esperam conveniência e uma experiência perfeita e personalizada. A **Order Station M1** foi projetada para aprimorar as fotos favoritas de seus clientes e transformar as memórias deles em lembranças duradouras.

Para saber mais sobre a **Kodak 305** e a **Kodak Moments Order Station M1**, acesse nosso site: **www.tudoprafoto.com.br** ou ligue (19) 3326-0122. Nossa equipe terá prazer em explicar em detalhes os benefícios desses equipamentos, preços e condições de pagamento.





Atletas de luta livre em São Paulo (SP) fotografadas para a reportagem *As belas viram feras*, na revista *O Cruzeiro*, em 1950

Peter Scheier: arquivos revelados

Fugido do nazismo, ele teve uma carreira sólida e eclética como fotógrafo profissional no Brasil. Exposição e livro resgatam acervo que poucos conhecem

POR JUAN ESTEVES



lenda familiar, diz o neto e também fotógrafo Lucas Lenci, é que seu avô Peter Scheier começou a fotografar os abajures que vendia para não ter que carregá-los pelas ruas de São Paulo (SP). De origem judaica, Scheier (1908-1979) nasceu em Glogau, Alemanha, e chegou ao Brasil em

1937, dois anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, fugindo do nazismo. Não demorou muito, o então comerciante transformou-se em fotógrafo profissional. Como Hildegard Rosenthal, Alice Brill, Hans Günter Flieg e Claudia Andujar, também refugiados como ele, ajudou a formatar a fotografia moderna brasileira.

Os filhos Bettina e Thomas, que fundaram um instituto que leva o nome de Scheier, herdaram por volta de 30 mil negativos e documentos. Já outros 35 mil negativos ficaram com o Instituto Moreira Salles (IMS), que produziu com cerca de 300 itens (a maior parte extraída dessas duas fontes) a

ACERVO

Uma parte
dos arquivos do
fotógrafo, com
35 mil negativos,
está com
o IMS

mostra e o livro *Arquivo Peter Scheier*, em cartaz até 24 de maio de 2020 na sede da Avenida Paulista do IMS, com curadoria de Heloisa Espada e equipe. É a primeira retrospectiva do fotógrafo em 50 anos, o que finalmente o posiciona no cânone, mostrando tanto o trabalho profissional quanto o mais intimista e familiar, a maioria inédita.

Originalmente, Peter Scheier havia deixado seu legado para a Fundação Victor Civita, que repassou o material para a Editora Abril. A família, anos depois, preocupada com o abandono do acervo, transferiu tudo para do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, em São Paulo, do qual negativos e cromos foram comprados pelo IMS em 2012, conta Lucas Lenci. "O acervo hoje está cuidadosamente armazenado na reserva técnica do IMS no Rio de Janeiro", informa o neto.

Imagens de fotojornalismo para *O Cruzeiro*: noiva em Paracatu (MG), em 1949, e crianças no bairro do Brás, em São Paulo (SP), em 1947





A Leica de 35 mm e a Hasselblad de 6 x 4,5 cm eram as câmeras preferidas do fotógrafo alemão, que chegou a São Paulo em 1937

Acima, torre administrativa do Congresso Nacional, em Brasília (DF), registrada em 1960 por Scheier

OLHAR INQUIETO

Para Lenci, o olhar do avô era de um estrangeiro curioso e fascinado pelo Brasil. “Fora o trabalho de arquitetura, pelo qual certamente ele é mais conhecido, a exposição resgata o lado mais humano, o seu interesse pelas pessoas”, comenta. No entanto, é importante ressaltar a longa relação do fotógrafo com grandes arquitetos em atividade no País, como Lina Bo Bardi, Gregori Warchavchik, Rino Levi e Carlos Bratke. Um dos pontos altos da mostra são imagens inéditas do *design* arquitetônico modernista de São Paulo.

Scheier era inquieto com a mobilidade que as então novas câmeras Leica de 35 mm ofereciam, conta Lenci. “Além de trabalhar com o 35 mm, também usava o formato 6 x 4,5 cm da Hasselblad e confeccionava os próprios álbuns. Era o que a gente podia chamar hoje de *geek*”, diz o neto. Entre os destaques da exposição estão 23 álbuns produzidos por ele em

papel fotográfico. Imagens autorais, álbuns de família, viagens e trabalhos comissionados para empresas, além de portfólios para cada área de atuação.

Inicialmente, Scheier chegou a fazer imagens de casamentos, batizados e formaturas, como vários fotógrafos da chamada era moderna, entre eles German Lorca, seu contemporâneo. Mas já no final da Segunda Guerra ele passou a fotografar para a revista *O Cruzeiro*, onde ficou de 1945 até 1951, produzindo cerca de 100 reportagens sobre esportes, religião, saúde e problemas sociais. Assim como o conterrâneo Flieg, foi responsável pelo registro do crescimento urbano de São Paulo na década de 1940. Nas fotografias é possível ver os cortiços do bairro do Brás, o surgimento do bairro de Santo Amaro, na zona sul, distante do centro paulistano, e eventos mais curiosos, como treino das atletas femininas de luta livre nos anos 1950.

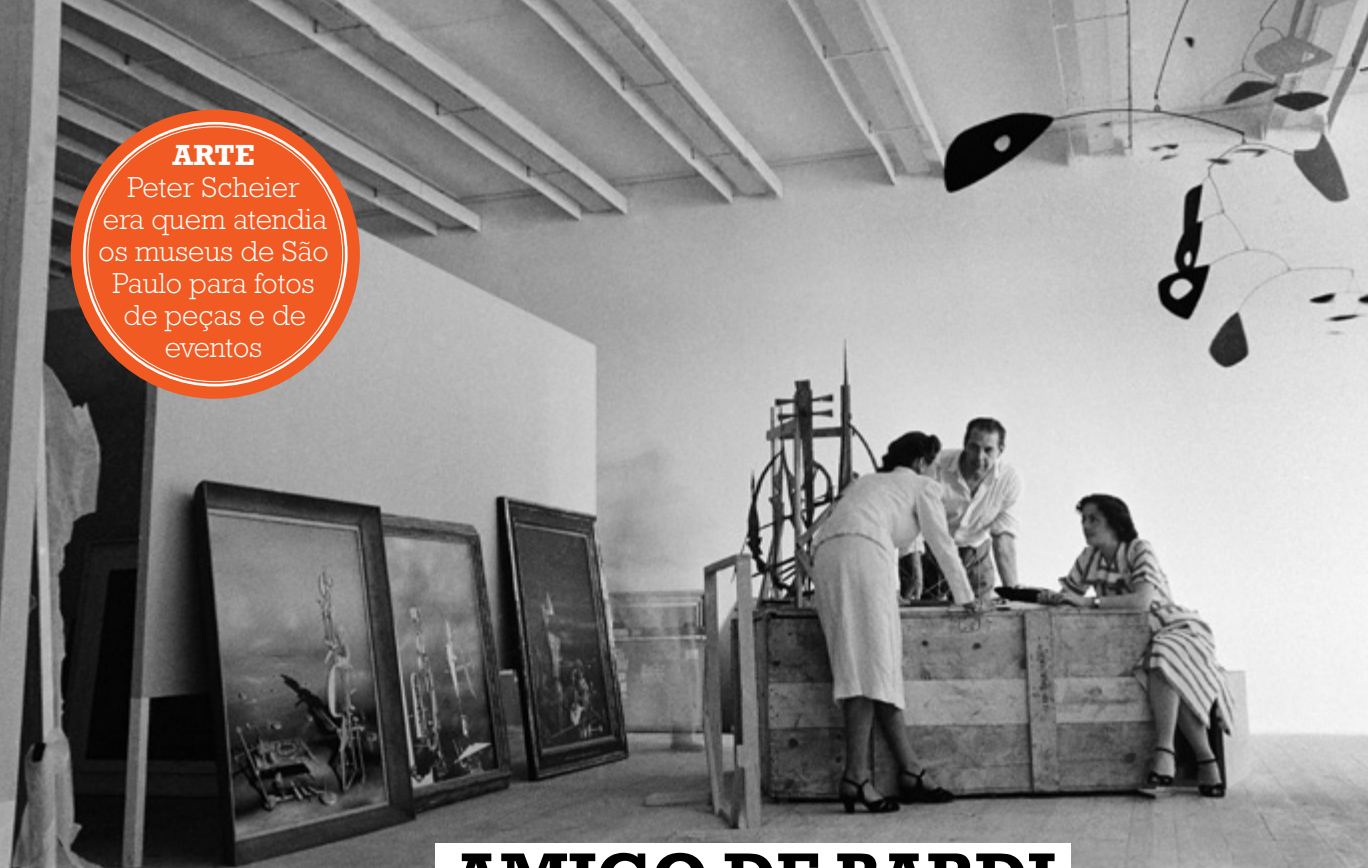


Imagens do nascimento da capital federal: acima, área comercial da Avenida W3, em 1960; abaixo, meninos nos arredores de escola em superquadra (à esq.) e homem com estrado de cama nas costas no Núcleo Bandeirante, em 1958



ARTE

Peter Scheier era quem atendia os museus de São Paulo para fotos de peças e de eventos



Fotos: Peter Scheier/Acervo IMS

AMIGO DE BARDI

René D'Harnoncourt, diretor do MoMA, Dorothy C. Miller (de costas), curadora do MoMA, e mulher não identificada tratam da 1ª Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1951; abaixo, homens limpam a sala da delegação suíça na Bienal, que exibe pinturas de Sophie H. Taeuber-Arp

Além do acervo familiar e da coleção do IMS, a curadora Heloisa Espada trabalhou com imagens do Instituto P.M.Bardi e Lina Bo, do Museu de Arte de São Paulo e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. De 1947 a 1955, Scheier fotografou o MASP ao lado do então diretor Pietro Maria Bardi, que se tornaria amigo pessoal, segundo o neto. Fora exposições e peças do acervo, fotografou eventos em outros museus, entre eles flagrantes históricos, como o que mostra

Renné D'Harnoncourt e Dorothy C. Miller, respectivamente diretor e curadora do MoMA, na primeira Bienal do Museu de Arte Moderna (MAM), em 1951.

Para a curadora, as fotografias, sobretudo as de arquitetura, da indústria e da metrópole paulistana, de um ponto de vista formal “constroem uma imagem idealizada dos ‘Anos Dourados’ no Brasil”. Entretanto, elas fazem o contraponto com as dissonâncias que o processo do crescimento econômico criava, expressas em imagens publicadas em *O Cruzeiro*, “seja por reportagens sobre as misérias do País ou pelo viés preconceituoso e sensacionalista que caracterizava a publicação”.

Fotógrafo multifacetado, Peter Scheier tem muito a ser estudado com mais profundidade, algo essencial tanto no contexto da ação modernista brasileira como nos vários segmentos que o documental pode sustentar. É um trabalho amplo como o próprio autor, que no final da vida se retirou com a esposa, Gertrudes, grande colaboradora e organizadora fundamental de seus arquivos, para a aprazível Airing, pequena cidade na borda da Alemanha com a Áustria, curiosamente um lugar que, como o Brasil que o abrigou, também serviu como campo de refugiados após a Segunda Guerra.



FOTOGLOBAL

Sua conexão com o mundo da fotografia

Compra • Venda • Troca • Conserto • Máquinas
Objetivas • Acessórios • Analógicos e Digitais

Nikon • Canon • Leica • Hasselblad • Mamiya • Sony • Pentax • Zeiss



www.fotoglobal.com.br | fotoglobal@gmail.com

(11) 3037-7070 • (11) 3815-9000

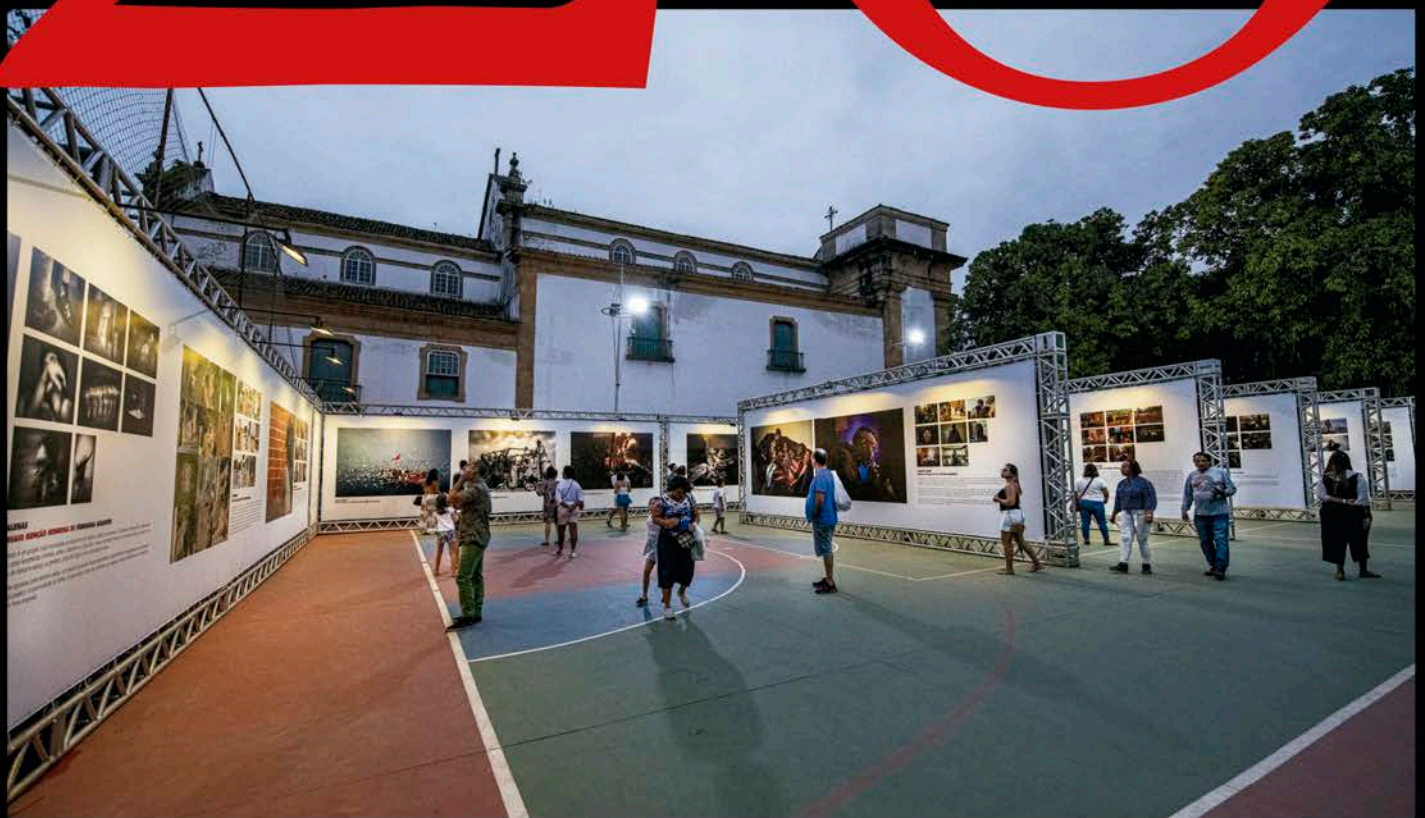
NOVO ENDEREÇO:

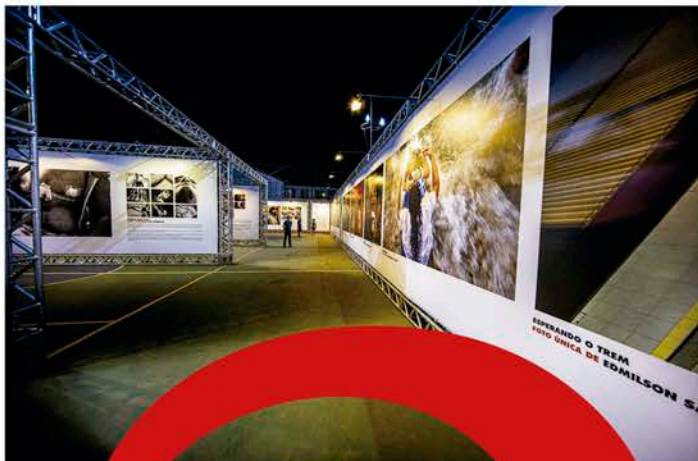
Av. Pedroso de Moraes, 333 - Pinheiros - São Paulo - SP - CEP 05419-000



CONVOCATÓRIA

SEJA UM PROTAGONISTA, NÃO DEIXE





EM FOCO PARA A ÚLTIMA HORA



A Convocatória em Foco reafirma seu papel como plataforma internacional permanente para as principais tendências na fotografia e lugar privilegiado para visibilidade de autores emergentes e consagrados. São 16 anos fazendo história e para comemorar as inscrições ficarão mais tempo abertas, de 1º de fevereiro a 31 de julho de 2020. Ao longo deste percurso iremos publicando os pré-selecionados, ou seja, quanto antes você enviar suas imagens mais tempo elas ficarão no ar em nossas redes. Confira o regulamento no nosso site.

www.pefparatyemfoco.com.br

UM EVENTO PARA TODOS OS OLHARES

APOIO



PARCERIAS



PARCERIAS



REALIZAÇÃO



EVENTO FILIADO



Polaroid SX-70

Uma paixão instantânea

Ela foi a primeira e única câmera reflex de filme instantâneo e, dobrada, podia ser levada no bolso. O modelo tem até hoje uma legião de fãs



Fotos: Mário Bock



A SX-70 era parecida com as antigas câmeras de fole, mas com um *design* avançado para a época; o filme instantâneo que ela usava também era uma grande novidade, pois o sistema de revelação era automático



Polaroid SX-70 Land Camera, lançada em 1972 e fabricada nos EUA, foi a primeira (e única) câmera reflex da marca e surpreendeu pelo *design* arrojado. Até hoje é um objeto cultuado (e ainda usado) por uma legião de fãs. A fotografia instantânea, com a revelação da imagem ocorrendo logo depois do clique, foi inventada pelo engenheiro americano Edwin H. Land depois de se incomodar com uma pergunta da filha que tornou célebre: "papai, por que não posso ver a foto agora?". O problema foi resolvido em 1948, quando foi lançado o primeiro modelo da marca.

O projeto da SX-70 previa alguns pré-requisitos que pareciam impossíveis na época: ser elegante, fina e compacta para ser levada no bolso do paletó; e o maior avanço tecnológico: a foto deveria surgir sem intervenção humana na revelação. Comentava-se na ocasião que a Polaroid

havia investido quase tanto quanto foi gasto no programa espacial americano de viagem à lua para criar a nova câmera. Exageros à parte, o certo é que a SX-70 acompanhou a nave Apolo XVII nas incursões pela lua, mas só a passeio, pois se tratava apenas de jogada de marketing.

FILME INSTANTÂNEO

O filme instantâneo XS-70 (ISO 150) media 8,8 x 10,1 cm, com imagem ocupando a área de 7,9 x 7,9 cm. Por causa da reação química ao ar livre e sem negativo, fazia surgir a imagem no papel fotográfico. A foto ficava pronta em um tempo máximo de 5 minutos a 21° C – a emulsão secava e endurecia rapidamente. Com o sistema automático implantado na nova câmera, todo o antigo processo ficou ultrapassado: puxar o filme com força, evitar o contato com os produtos químicos tóxicos do processo, contar o tempo de revelação de cada foto, descolar cuidadosamente o negativo para ver a imagem formada.

Parecidas com as antigas câmeras de fole, a SX-70 foi desenhada como uma forma de revitalizar esse antigo sistema. A sanfoninha de borracha viabilizou uma câmera dobrável, de maneira que, quando aberta, o plano do filme ficasse bem afastado da objetiva. Combinando com um complicado jogo de três espelhos e lentes, foi possível incorporar até um grande visor reflex que se elevava acima do conjunto.

Funcionava assim: a luz vinda da objetiva rebatia no espelho do fundo e era refletida no segundo espelho, que cobria o filme, sendo então captada pelo espelho do visor e a imagem vista pela ocular. No disparo, a exposição era bem mais simples: o segundo espelho se levantava e seu verso, também espelhado, dirigia a luz diretamente para o filme. Depois do disparo, o espelho retornava à posição original e a chapa era ejetada para fora da câmera.



LENTE

A SX-70 tinha uma objetiva de 116 mm f/8 (ia até f/22) e distância mínima de foco de 27 cm



A SX-70 tinha um sistema dobrável que transformava a câmera em uma espécie de estojo, como se vê na sequência de fotos





**SEGURO PARA
EQUIPAMENTO DE:**

**FOTOGRAFIA
VÍDEO E DRONE**
[RETA E CASCO]

COBERTURAS

ROUBO
FURTO QUALIFICADO
DANOS FÍSICOS
DANOS ELÉTRICOS
DANOS POR ÁGUA

COBERTURA INTERNACIONAL

**CONTRATE SEU SEGURO
PELO APLICATIVO**

PROCURE: FOTOSEG



MESMO SEM NOTA FISCAL

ATENDEMOS EM TODO BRASIL

11 95328.6502 / 95328.0169

@ seguros@fotoseg.com.br

FOTOSEG.COM.BR

FLASH

O FlashBar era um dos acessórios da SX-70 e tinha cinco lâmpadas de filamento de magnésio



CAIXINHA MISTERIOSA

Depois de fechada, a SX-70 virava uma caixinha "misteriosa" que media 18 cm de comprimento, 10 cm de largura e 3 cm de altura – descontando uma saliência da parte superior do visor. Aberta, tinha 13 cm de altura. Tudo era articulado e dobrável, o que permitia abrir e fechar a câmera sem botões, com facilidade e precisão.

Tudo era feito de plástico industrial com acabamento prateado e partes revestidas em couro. Para abri-la, bastava puxar delicadamente a saliência do visor, o que levantava toda a parte superior. Depois, era só travar o conjunto pela alça lateral. Para fechá-la, empurrava-se a alça e pressionava-se o visor para dentro da caixa. O filme era colocado na base da câmera, através da parte frontal, que baixava ao se pressionar uma pequena chave junto à base.

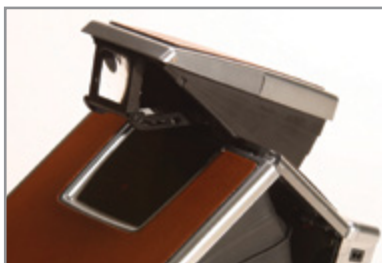
A operação da SX-70 era simples e contava com exposição automática assistida por um fotômetro embutido com sensor externo. Tinha obturador

eletrônico de 10s a 1/175s e diafragma de f/8 a f/22, com uma saída para cabo disparador, vendido separadamente. Não permitia regulação manual de exposição – a não ser o controle "claro/escuro", por meio de um disco, para corrigir a imagem seguinte, se fosse o caso. A objetiva era de 116 mm f/8 e distância mínima de foco de 27 cm – a focalização não era feita na objetiva, e sim movimentando um disco mais acima. Por fim, para incrementar mais o uso da câmera, a Polaroid produziu uma linha de acessórios, vendidos à parte ou em um kit acondicionado em uma elegante caixa branca.

Conheça a coleção

A cada edição de **Fotografe**, uma câmera que marcou época na fotografia mundial será destacada nesta seção com um breve histórico. Ao mesmo tempo será lançada a caneca da Coleção Câmeras Clássicas com o modelo do mês. Para adquirir esse produto exclusivo da revista, acesse: www.colecao.camerasclassicas.com.br.

Fotos: Mário Bock



Detalhe do visor reflex da SX-70





Forma Galeria

EXCELENCIA EM FINEART

IMPRESSÃO FINEART – PAPEIS E CERTIFICADO HAHNEMÜHLE
PROJETOS EXPOSITIVOS – QUADROS E MONTAGENS PADRÃO
CONSERVAÇÃO – CANVAS – METACRILATOS – INSTALAÇÕES

AV. DOS EUCALIPTOS, 532 – INDIANÓPOLIS – SÃO PAULO - SP | (11) 5092-8826 – © (11) 9 6191-0901

WWW.FORMAGALERIA.COM.BR | CONTATO@FORMAGALERIA.COM.BR

© f FORMAGALERIA

COLEÇÃO 50 DESTINOS DOS SONHOS.

A coleção reúne o que de mais belo foi feito pela Natureza ou construído pela criatividade humana.

IMPRESSO EM PAPEL FOTOGRÁFICO DE ALTA QUALIDADE.



São 10 volumes para você se encantar ou escolher sua próxima viagem.

de: ~~R\$400,00~~ por 10x de **R\$ 28,00** + frete cortesia

Tire dúvidas e compre pelos telefones 0800 8888 508 e (11) 3038-5050 (SP) ou acesse www.europamet.com.br



Preços válidos até 29 de fevereiro de 2020. Entrega a cada três meses. Sujeito à disponibilidade de estoque. Reservamos o direito de corrigir eventuais erros de divulgação nesta edição.

FOTOGLOBAL

Sua conexão com o mundo da fotografia

Compra • Venda • Troca • Conserto • Máquinas
Objetivas • Acessórios • Analógicos e Digitais

Nikon • Canon • Leica • Hasselblad • Mamiya • Sony • Pentax • Zeiss

Por apenas
R\$ 100,00

Limpeza de CCD + Limpeza externa
+ Atualização do Firmware da camera



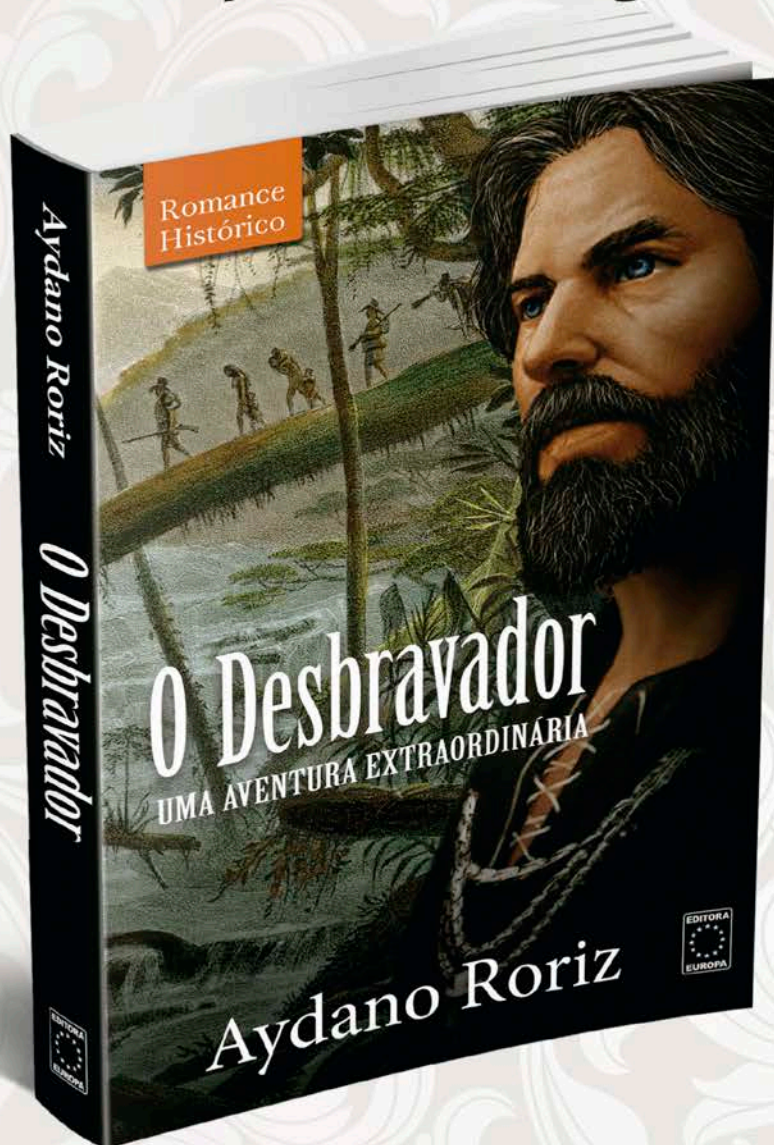
Atendimento de Segunda a Sexta das 9h às 18h

www.fotoglobal.com.br | fotoglobal@gmail.com
(11) 3037-7070 • (11) 3815-9000

NOVO ENDEREÇO:

Av. Pedroso de Moraes, 333 - Pinheiros - São Paulo - SP - CEP 05419-000

Livros que dão cor e vida aos personagens da história.



ROMANCES HISTÓRICOS DE AYDANO RORIZ

*Você vai se encantar
em descobrir detalhes
e bastidores que os
livros tradicionais
não revelam.*

Baseado em profundas pesquisas sobre a vida de Duarte Coelho, temperados com doses da melhor ficção e bom humor, o autor compôs este romance épico, fascinante e divertido... uma aventura inesquecível.



Compre pelos telefones 0800 8888 508 e (11) 3038-5050 (SP) ou acesse www.europamet.com.br



FOTOGRAFE EM NOVA FASE.

ASSINE 1 ANO DA REVISTA FOTOGRAFE +
14 CANECAS EXCLUSIVAS DE CÂMERAS CLÁSSICAS.

12 EDIÇÕES



De: ~~R\$ 868,80~~
por: **R\$ 599,00** ou: 10x **R\$ 59,90** + frete



Envio das canecas após 60 dias úteis.

Tire dúvidas e compre pelos telefones
0800 8888 508 e (11) 3038-5050 (SP)

FOTOGRAFIA SOCIAL

Um serviço completo para o fotógrafo que trabalha nos principais segmentos da fotografia social.



Fotografia de Noivos



Fotografia de Casamento



Fotografia de Gestantes



Fotografia de Newborn



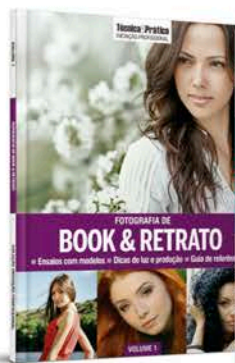
Fotografia de Crianças



Fotografia de Família

INICIAÇÃO PROFISSIONAL

O guia perfeito para você se tornar um fotógrafo muito versátil.



Fotografia de Book & Retrato



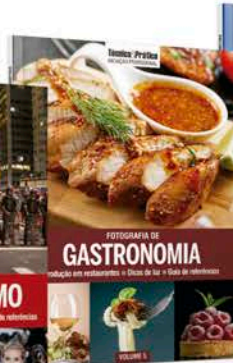
Fotografia de Moda & Beleza



Fotografia de Produto em Estúdio



Fotojornalismo



Fotografia de Gastronomia



Fotografia de Arquitetura

Combo 1

**PROMOÇÃO ESPECIAL!
COMPRA AS DUAS COLEÇÕES.**

SÃO 12 LIVROS. RECEBA JÁ OS 6 VOLUMES DA COLEÇÃO FOTOGRAFIA SOCIAL E 3 VOLUMES DA COLEÇÃO INICIAÇÃO PROFISSIONAL.

de: ~~R\$ 598,80~~ por: **R\$ 340,00** à vista no boleto
ou: 10x **R\$ 34,00** Parcelado no cartão.

Combo 2

**ASSINE AGORA
CADA COLEÇÃO SEPARADAMENTE**

COLEÇÃO FOTOGRAFIA SOCIAL COLEÇÃO INICIAÇÃO PROFISSIONAL

de: ~~R\$ 299,40~~ por: **R\$ 199,00** cada uma. À vista
no boleto. ou: 10x **R\$ 19,90** Parcelado no cartão.

TUDO PRONTO ENTREGA

Se preferir, compre pela internet em
www.europamet.com.br



Starter

Monolight

*Iluminação
Profissional
para Fotógrafos
Exigentes!*

Mako®

The Standard for Lighting.



Flash Digital | Controle EU Number | Luz Modeladora LED | 11 Níveis de Potência* | Display Digital | Bivolt

*7 níveis de potência nos modelos 220 e 320.



Mako®
STORE

 www.makostore.com.br

 47 3641 6888

 WhatsApp | 47 98497 7486
ou 98497 7487

 mako.webstore

 Mako Web Store

SONY

α ALPHA

O MELHOR DA FOTOGRAFIA!

A **Sony** possui uma **linha completa de câmeras e lentes** com o melhor em **nitidez e qualidade de imagem**. Recursos que facilitam seu uso, como a possibilidade de fotografar em **modo live-view** para acompanhar todos os ajustes em tempo real e um corpo leve e compacto, **ideal para ângulos diferenciados**.



α7 III

Principal modelo do line-up com **24MP** e **693 pontos de AF**, **qualidade e nitidez** para atender os clientes mais exigentes. Câmera ideal para **grandes fluxos de trabalho**.

CONHEÇA O LINE-UP COMPLETO



LANÇAMENTO

α6600

Modelo **APSC de alta qualidade**, características similares a α7III com **24MP** em um corpo mais compacto. Tela para modo **SELFIE** que gira em 180°.



α9

A mais rápida da linha, oferece até **20 fotos por segundo** com foco contínuo, ideal para esportes e cenas de alta velocidade.



α7R V

Maior **resolução e qualidade de imagem** da linha. São **61MP** ideais para estúdio, publicidade, moda e grandes impressões.



α7R III

São **42MP** para uma qualidade de imagem extremamente fina que possibilita maiores impressões e **capacidade de cortes** na imagem sem perda de qualidade.



α6400

Modelo **APSC** com **24MP**, corpo compacto e uma tela que gira em 180° para modo **SELFIE**. Atende desde o profissional aos amantes de fotografia.

Onde comprar:



(11) 3227-2611



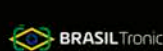
(19) 3741-4481



(11) 3257-1632



(21) 3174-0487



(11) 2345-6737



(11) 3313-0842



(61) 3877-1692

www.store.sony.com.br
0800 601 1188

Os logos Sony e α são marcas comerciais registradas pela Sony Corporation. Imagens meramente ilustrativas.

MOMENTOS SÃO ÚNICOS

IMAGENS TAMBÉM

Cabeça Criativa



Iluminador de LED Circular
Yongnuo Ring Light YN608



Mirrorless Canon EOS RP
Fullframe com adaptador para lente
26,2 MP • Vídeo 4K Ultra HD e Full HD



Canon EOS Rebel T7 com
lente 18-55mm IS II • 24,1 MP



Tripés
Manfrotto



Kit Câmera Instantânea Fujifilm Instax Mini 9
+ Bolsa Especial + Filme com 10 fotos. ●●●●●●



Nikon Coolpix P1000
SUPERZOOM com ZOOM ÓTICO
DE 125X • Vídeo em 4K Ultra Hd



Cartões de
memória



Estabilizador
Gimbal Feyu
AK2000



Objetiva Tokina
24-70mm 2.8

Compre pelo site:

ANGELFOTO.COM.BR

R. 7 de Abril, 125; Lojas 29/31 – Centro – São Paulo – SP
Tel.: 11 3257-3498 | 3259-5450 • vendas@angelfoto.com.br



22 ANOS
DE SUCESSO!

ANGEL
EQUIPAMENTOS FOTOGRÁFICOS

MOMENTOS SÃO
ÚNICOS

IMAGENS TAMBÉM

Cabeça Criativa



Luminador de LED Circular Greika
Ring Light RL18
com Espelho



Luminador de LED Circular Greika
Ring Light RL12 para Smartphones ou DSLR



Lowepro Flipside Trek BP 450 AW
Mochila para DSLR, lentes, com
capa de chuva e bolso para tablet



Flash Godox Thinklite TTL TT685
Para Canon, Nikon,
Sony e Fujifilm



Lowepro Pro Tactic SH 200 AW
Bolsa de Ombro para DSLR e Laptop



Flash Godox TTL V1
Para Canon e Sony



Flash Godox VINC TTL V860IIC
Para Canon e Sony



Luminador de LED Circular Greika
Ring Light RL19

22 ANOS
DE SUCESSO!

ANGEL
EQUIPAMENTOS FOTOGRÁFICOS

Compre pelo site:

ANGELFOTO.COM.BR



R. 7 de Abril, 125; Lojas 29/31 – Centro – São Paulo – SP
Tel.: 11 3257-3498 | 3259-5450 • vendas@angelfoto.com.br